

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO - CSE
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**PADRÃO DE INSERÇÃO EXTERNA CATARINENSE
1990-2007**

EDUARDO HENRIQUE AMARAL

**FLORIANÓPOLIS
2008**

Eduardo Henrique Amaral

**Padrão de Inserção Externa Catarinense
1990-2007**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Econômicas, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Renato Ramos Campos

**Florianópolis
2008**

RESUMO

Este trabalho pretende analisar o padrão de inserção comercial do Estado de Santa Catarina a partir da década de 90, no mercado mundial, através da intensidade tecnológica dos produtos a dois dígitos de agregação da pauta de exportação e de importação, conforme a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM). Essa análise é realizada com base na classificação UNCTAD 2002, presente no *Trade and Development Report*.

Palavras-Chaves: Santa Catarina, Comércio Exterior, Intensidade Tecnológica.

ABSTRACT

This work intend to analyze the trade insertion pattern of the State of Santa Catarina starting from the 1990's, in the world market, through the technologic intensity of the products at two digits from the export and import roll, according to the Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM). This analysis is made based on the classification UNCTAD 2002, present on *Trade and Development Report*.

Keywords: Santa Catarina, International Trade, Technologic Intensity.

*Somos o que repetidamente fazemos; a excelência,
portanto, não é um feito, mas um hábito.*

Aristóteles

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida.

À minha família, pelo amor, presença e incentivo constantes , ensinando-me que bons valores nos levam ao caminho do sucesso, em todos os âmbitos.

Especiais agradecimentos aos meus pais, Daisy de Souza Amaral e Carlos Alberto Amaral, à minha tia-madrinha, Vania M. Arruda Amaral, à minha avó, Talita Arruda Amaral, e à minha irmã, Ana Luiza Amaral.

À minha querida namorada, Na Yeon Kim, que sempre esteve presente apesar da distância.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Renato Ramos Campos, pela competente diretriz intelectual, dedicação e paciência durante o processo de desenvolvimento da monografia.

Aos meus amigos, pelo companheirismo e estímulo, pela alegria de cada encontro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1 – Pauta de exportação por intensidade tecnológica, 1989, 1997 e 2002.....	26
Figura 2.2 – Saldo Comercial, por intensidade tecnológica, anos 1997-2007.....	27

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1 – Crescimento do produto mundial 1991-2006 (mudança % anual).....	19
Tabela 2.2 - Países em desenvolvimento selecionados: participação nas exportações mundiais, 1990-2006 (em %).....	20
Tabela 2.3 – Mercados mais dinâmicos: composição da pauta de importação, por intensidade tecnológica, 2000 (em %).....	21
Tabela 2.4 – Mercados mais dinâmicos: composição da pauta de exportação, por intensidade tecnológica, 2000 (em %).....	22
Tabela 3.1 - Produto Interno Bruto a preço de mercado e per capita, do Brasil e de Santa Catarina, 2002-2005.....	29
Tabela 3.2 – Balança comercial de Santa Catarina, 1993-2007 (US\$ 10 ³ FOB).....	30
Tabela 3.3 – Balança comercial do Brasil, 1993-2007 (US\$ 10 ³ FOB).....	31
Tabela 3.4 – Exportações por categoria de uso, 2005-2007 (US\$ FOB).....	32
Tabela 3.5 – Importações por categoria de uso, 2005-2007 (US\$ FOB).....	33
Tabela 3.6 – Exportação por principais países e blocos econômicos de origem em SC, 2006-2007.....	34
Tabela 3.7 – Importação por principais países e blocos econômicos de destino em SC, 2006-2007.....	35
Tabela 3.8 - Exportação anual de Santa Catarina, por níveis de intensidade tecnológica, 1990-1994 (US\$ FOB).....	37
Tabela 3.9 - Importação anual de Santa Catarina, por níveis de intensidade tecnológica, 1990-1994 (US\$ FOB).....	38

Tabela 3.10 - Exportação anual de Santa Catarina, por níveis de intensidade tecnológica, 1995-1998 (US\$ FOB)	39
Tabela 3.11 - Importação anual de Santa Catarina, por níveis de intensidade tecnológica, 1995-1998 (US\$ FOB)	40
Tabela 3.12 - Exportação anual de Santa Catarina, por níveis de intensidade tecnológica, 1999-2002 (US\$ FOB)	41
Tabela 3.13 - Importação anual de Santa Catarina, por níveis de intensidade tecnológica, 1999-2002 (US\$ FOB)	41
Tabela 3.14 - Exportação anual de Santa Catarina, por níveis de intensidade tecnológica, 2003-2007 (US\$ FOB)	42
Tabela 3.15 - Importação anual de Santa Catarina, por níveis de intensidade tecnológica, 2003-2007 (US\$ FOB)	43
Tabela A1 – Códigos NCM classificados por intensidade tecnológica.....	49
Tabela A2 - Principais produtos exportados por capítulo NCM, 1990.....	51
Tabela A3 - Principais produtos exportados por capítulo NCM, 1994.....	51
Tabela A4 - Principais produtos exportados por capítulo NCM, 1995.....	51
Tabela A5 - Principais produtos exportados por capítulo NCM, 1998.....	52
Tabela A6 - Principais produtos exportados por capítulo NCM, 1999.....	52
Tabela A7 - Principais produtos exportados por capítulo NCM, 2002.....	52
Tabela A8 - Principais produtos exportados por capítulo NCM, 2003.....	53
Tabela A9 - Principais produtos exportados por capítulo NCM, 2005.....	53
Tabela A10 - Principais produtos exportados por capítulo NCM, 2007.....	53
Tabela A11 - Principais produtos importados por capítulo NCM, 1994.....	54
Tabela A12 - Principais produtos importados por capítulo NCM, 1998.....	54
Tabela A13 - Principais produtos importados por capítulo NCM, 2002.....	54
Tabela A14 - Principais produtos importados por capítulo NCM, 2007.....	55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	9
1.2 OBJETIVOS	11
1.2.1 <i>Objetivo Geral</i>	11
1.2.2 <i>Objetivos Específicos</i>	11
1.3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1.3.1 <i>Concorrência Schumpeteriana</i>	12
1.3.2 <i>Economia Internacional</i>	13
1.3.3 <i>Padrão de Especialização, Inovação e Competitividade Internacional</i>	14
1.4 METODOLOGIA	15
2 EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL E A INSERÇÃO RECENTE DA ECONOMIA BRASILEIRA	17
2.1 INTRODUÇÃO	17
2.2 CARACTERÍSTICAS DO COMÉRCIO INTERNACIONAL NO CONTEXTO DE POLÍTICA DE ABERTURA COMERCIAL	17
2.3 ECONOMIA BRASILEIRA A PARTIR DOS ANOS 90	22
2.4 PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NO COMÉRCIO INTERNACIONAL	24
3 ECONOMIA CATARINENSE	28
3.1 DESEMPENHO ECONÔMICO	28
3.2 BALANÇA COMERCIAL	29
3.3 INTENSIDADE TECNOLÓGICA DAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES DE SANTA CATARINA	36
3.3.1 <i>Período 1990-1994 – Presença expressiva de produtos primários e intensivos em recursos naturais na pauta exportadora</i>	37
3.3.2 <i>Período 1995-1998 – Avanço dos produtos de média intensidade tecnológica</i>	38
3.3.3 <i>Período 1999-2002 – Commodities primárias na exportação e bens de média e alta intensidade tecnológica na importação</i>	40
3.3.4 PERÍODO 2003-2007 – AUMENTO DO RITMO DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES	42
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45
ANEXOS	48

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização

A economia brasileira apresenta hoje um padrão geral de comércio internacional, no qual produtos primários representam uma grande contribuição para o saldo comercial. Os setores manufatureiros de alta intensidade de mão de obra qualificada e de tecnologia apresentam déficits crescentes, indicando um padrão pouco dinamizador da inserção externa brasileira. A abertura comercial da década de 90 promoveu, na ótica de autores como Coutinho et al. (2003), “uma especialização em segmentos de menor intensidade tecnológica, em que os esforços exportadores foram direcionados para setores portadores de claras vantagens comparativas reveladas”.

Durante a maior parte dos anos 80, como afirma Canuto (2008), “superávits comerciais foram priorizados em decorrência dos problemas com a dívida externa, o que se traduziu em cuidados para que as taxas de câmbio não ficassem para trás, em relação ao ritmo inflacionário. Ao mesmo tempo, as políticas protecionistas do período de industrialização foram preservadas”.

A abertura econômica de 90 resultou em crescentes importações, em decorrência de eliminação das barreiras não tarifárias e desagravação de tarifas. A renegociação da dívida externa e um novo e intenso fluxo de ingresso de capital de curto prazo retiraram os megasuperávits comerciais da agenda de prioridades dos formuladores de política econômica. A partir de meados de 1994, a âncora cambial instituída pelo Plano Real passou a cumprir papel importante na política de combate à inflação, pressionando para baixo os preços dos bens comercializáveis, porém a expressiva valorização cambial parece ter contribuído negativamente para o incremento do setor exportador.

A mudança cambial de 1999 foi apontada como uma fase favorável para o setor exportador. Entretanto, a média do desempenho exportador ficou abaixo do esperado. Como apontam Sarti e Sabatini (2003), a reversão do saldo para modestamente superavitário do biênio 2000/01 foi em decorrência da queda mais que proporcional das importações.

Segundo o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI), o saldo da balança comercial brasileira está cada vez mais dependente das commodities. Produtos como café, açúcar e soja responderam por quase 50% do superávit obtido pelo país nas trocas com o exterior, no ano de 2006. Já os setores de média e alta intensidade tecnológica, como eletroeletrônicos, aprofundam as perdas no comércio mundial e são responsáveis por 20% dos resultados negativos do país no exterior. No mesmo ano, o setor de agricultura tropical obteve a maior contribuição para o saldo da balança comercial; açúcar e café são os principais produtos, apurando, respectivamente, superávits de US\$ 6,3 bilhões e US\$ 3,7 bilhões. Favorecido pelo aumento dos preços dessas commodities, o superávit da agricultura tropical chegou a US\$ 11,2 bilhões (IEDI, 2006).

No ano de 2007, o maior gerador de saldo comercial foi o segmento de cereais (onde se destacam as vendas do complexo soja), com US\$ 13,9 bilhões ou 34,7% do saldo comercial total, mesmo com um grande aumento de suas compras externas. Em seguida, alinham-se o setor de produtos animais, com US\$ 11,4 bilhões ou 28,6% do saldo total, os segmentos de agricultura tropical (café, açúcar, frutas como destaques), respondendo por 28,0% do saldo (US\$ 11,2 bilhões), e o setor matérias-primas, com 22,8% do total (IEDI, 2007).

A hipótese proposta por Sarti e Sabatini (2003) é que uma maior e crescente participação de maior intensidade tecnológica na pauta comercial representaria um incremento na capacitação competitiva da indústria, promovendo uma inserção comercial mais ativa e dinâmica, capaz de estabelecer um novo padrão de crescimento da economia, no qual o setor externo e avanço tecnológico seriam fundamentais. A geração de superávits comerciais pressupõe uma participação mais expressiva de produtos com maior intensidade de tecnologia na pauta exportadora, visto que estes produtos são os que apresentam um maior dinamismo nas trocas comerciais.

Segundo relatório da FIESC (2007), as exportações de Santa Catarina, nos dez primeiros meses de 2007, foram incrementadas pelas carnes de frango, somando US\$ 940,65 milhões no acumulado do ano, um crescimento de 44,5% sobre o mesmo período do ano de 2006. Motocompressores herméticos (US\$ 329,59 milhões) e motores e geradores elétricos (US\$ 341,04 milhões) apresentam também números expressivos. No que tange ao comportamento das importações, os catodos de cobre (US\$ 470,89 milhões), fios de fibra de poliéster (US\$ 165,59 milhões), polímeros de etileno (US\$ 105,26 milhões), polietilenos (US\$

95,36 milhões) e garrafas e artigos plásticos (US\$ 79,24 milhões) mantêm-se, desde o início de 2007, como os principais produtos da pauta importadora do Estado.

Nesse contexto, dois questionamentos tornam-se essenciais: i) Como o Estado de Santa Catarina participa dessa dinâmica do comércio mundial, pautada num maior nível tecnológico dos produtos e ii) Quais os efeitos desse movimento sobre a sua pauta de exportação e importação.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar a balança comercial catarinense, no período de 1990 a 2007, com ênfase na intensidade tecnológica dos produtos.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Compreender as características recentes do comércio internacional.
- Identificar a inserção recente da economia brasileira.
- Analisar o tipo de inserção de Santa Catarina nas suas trocas comerciais, a partir da política de abertura brasileira.

1.3 Fundamentação teórica

1.3.1 Concorrência Schumpeteriana

A Economia da Inovação, como apontam Hasenclever e Ferreira (2002), é o ramo da Economia Industrial que tem como foco principal o estudo das inovações tecnológicas e organizacionais introduzidas pelas empresas, para concorrerem no mercado e acumularem riquezas. Um precursor importante das análises da inovação, no âmbito da teoria econômica, foi Joseph Schumpeter que, em 1912, publicou o livro *Teoria do desenvolvimento econômico*. Schumpeter observa que a inovação cria uma ruptura no sistema econômico, no interior das indústrias, revolucionando as estruturas produtivas e criando fontes de diferenciação para as empresas.

Possas (2002) aponta que a busca dos agentes por vantagens competitivas para a obtenção de lucros de monopólio (mesmo que temporários), através de estratégias deliberadas, define-se como concorrência schumpeteriana. Assim, diferentemente dos enfoques clássico e neoclássico, a concorrência implica no surgimento endógeno de diversidade no sistema econômico, em que a diferenciação se dá pelas atividades de inovação. O autor assinala ainda que, mesmo a empresa sendo o foco da análise, as condições ambientais são decisivas, tanto no nível de mercado (onde ocorre o processo de concorrência) quanto no nível sistêmico (onde se definem as externalidades e as políticas que afetam a concorrência). A concorrência schumpeteriana, dessa forma, trata não apenas da mudança tecnológica *per se*, mas de toda mudança no quadro econômico desencadeado pelas empresas em busca de ganhos competitivos. Segundo Hasenclever e Tigre (2002), as estratégias inovativas empresariais desencadeiam mudanças nas estruturas organizacionais e institucionais e nas estruturas tecno-econômicas. Dessa forma, pela visão schumpeteriana-institucionalista, a empresa e seu ambiente estão em constante processo de transformação.

Ainda segundo Hasenclever e Ferreira (2002), o processo de mudança tecnológica é resultado dos investimentos das empresas em pesquisa e desenvolvimento e na incorporação dos resultados em novos produtos, processos e formas organizacionais. Junto com as empresas,

instituições como universidades, institutos de pesquisa, agências de investimento em inovação e sistema educacional fazem parte do sistema de inovação nacional.

1.3.2 Economia Internacional

O comércio internacional é um dos principais aspectos tratados por Adam Smith, em sua obra *Uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*, como discorre Gonçalves et al. (1998). Através do comércio internacional, uma nação exportaria as mercadorias que consegue produzir mais barato que os demais países, e vice versa, produzindo mais os bens que faz com maior eficiência e consumindo mais bens do que seria possível produzir internamente sem o comércio. A contribuição de Smith para a teoria do comércio é ímpar, por estabelecer uma relação do comércio exterior à acumulação de capital.

David Ricardo eleva o comércio internacional a um novo patamar com a sua teoria das vantagens comparativas. O modelo de Ricardo implica a especialização de cada nação na exportação de bens em que possui vantagem comparativa, ou seja, especializando-se naqueles bens que apresentam diferenças na quantidade de trabalho envolvida na produção, levando em consideração a idéia de custo de oportunidade.

A teoria pura do comércio internacional foi formulada pelos suecos Eli Heckscher e Bertil Ohlin e revista por Paul Samuelson. A teoria de Heckscher-Ohlin-Samuelson foca nas diferenças dos fatores de produção e na diferença na intensidade do uso destes fatores na produção dos bens em cada país. Essa teoria é dividida em quatro teoremas fundamentais, como aponta Gonçalves et al. (1998):

- ♣ Heckscher-Ohlin – Um país exportará o produto que usa de forma intensiva o fator, que é relativamente abundante domesticamente.
- ♣ Equalização do preço dos fatores – Em sua dimensão externa o teorema afirma que, sob certas condições, será suficiente o livre comércio de bens finais para a equalização dos preços dos

fatores internacionalmente; em sua dimensão interna, com o preço constante das mercadorias, uma pequena mudança na dotação de um fator de produção não afetará o preço dos fatores.

- ♣ Stolper-Samuelson – Um crescimento no preço relativo de uma mercadoria aumenta o retorno real do fator usado intensivamente na produção dessa mercadoria e reduz o retorno da outra mercadoria.
- ♣ Rybczynsky – Se o preço de um produto for fixo, um aumento na dotação de um fator acarreta um crescimento mais que proporcional na produção da mercadoria que usa o fator relativamente de forma intensiva e uma queda absoluta da produção da outra mercadoria.

Esses quatro teoremas da teoria pura demonstram as condições para os ganhos de comércio, através do livre comércio, e indicam que maiores níveis de troca entre os países é mais vantajoso do que níveis menores.

Entretanto, o modelo analítico terá como ênfase no referencial teórico a natureza schumpeteriana da concorrência, destacando a intensidade tecnológica.

1.3.3 Padrão de Especialização, Inovação e Competitividade Internacional

A partir do final da década de 70, como destaca Chesnais (1996), as transformações nas relações entre ciência, tecnologia e atividade industrial fizeram da tecnologia um fator de competitividade decisivo, cujas características direcionam praticamente todo o sistema industrial.

O padrão de especialização produtiva é associado ao grau de desenvolvimento de cada país. Entretanto, como afirma Tigre (2006), a economia do conhecimento impõe novos paradigmas para a reflexão do processo de desenvolvimento. Então, mais importante que tomar o grau de industrialização como *proxy* de desenvolvimento é entender a intensidade de conhecimento incorporado nas exportações e a competitividade dos produtos e serviços no mercado.

O Brasil é um grande produtor de commodities agrícolas e o saldo comercial depende muito do peso desses produtos, como demonstram diversos estudos do IEDI. Mas o mercado

de commodities primárias apresenta várias limitações vinculadas à tendência de uma economia global cada vez mais alicerçada na informação e no conhecimento, como aponta Tigre (2006).

As vantagens comparativas estáticas de David Ricardo foram complementadas com a idéia de construção de vantagens comparativas dinâmicas, e o primeiro autor a trabalhar com essa relação entre tecnologia e comércio internacional foi Posner, em sua obra *International trade and technical change*, de 1961. Segundo Tigre (2006), Posner constata que as empresas que desenvolviam novos produtos criavam um monopólio exportador em seu país, até que imitadores entrassem no mercado. Dessa forma, criava-se a teoria do “hiato tecnológico”, demonstrando que a competitividade no mercado internacional dependia de forma direta do acesso à tecnologia.

Segundo Porter (1993), as empresas inovadoras competem no mercado internacional em segmentos de indústria mais diferenciados, onde o nível de produtividade está diretamente relacionado a maiores níveis de capacitação e tecnologia. Uma economia mais avançada e dinâmica moldada por esse perfil de empresas inovadoras consegue ampliar os processos de *spill over* e cruzamentos entre as suas indústrias, gerando maior capacidade para inovação e criação de novas indústrias que, por sua vez, desenvolvem maiores níveis de competitividade no mercado internacional.

1.4 Metodologia

Esta pesquisa tem caráter exploratório-explicativo, em que os dados de fluxo de comércio de Santa Catarina são trabalhados por nível de intensidade tecnológica e dinamismo dos principais produtos na composição da pauta.

O levantamento estatístico para a análise de intensidade tecnológica e por categorias de uso das exportações catarinenses é realizado a partir da base de dados do sistema ALICE, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

O sistema ALICE, que significa Análise das Informações de Comércio Exterior, foi desenvolvido no ano de 1991, pelo Serviço Federal de Processamento de Dados (SERPRO), para o Departamento de Comércio Exterior (DECEX), parte integrante da Secretaria de

Comércio Exterior (SECEX). Ele utiliza a Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM), que é baseada no Sistema Harmonizado (SH).

Para a análise do conteúdo tecnológico foi utilizada a classificação da UNCTAD presente em *Trade and Development Report (TDR) 2002*, que agrupa pelo grau de intensidade tecnológica (commodities primárias, produtos intensivos em trabalho e recursos naturais e produtos de baixa, média e alta intensidade tecnológica e produtividade do trabalho), produtos da *Standard International Trade Classification (SITC) Revision 3*, a três dígitos de desagregação.

Os dados da SECEX foram retrabalhados para o período analisado, utilizando tradutores para a conversão dos dados SITC Rev. 3 para NCM. O tradutor primário de SITC para SH (NCM) foi elaborado pelo Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia (NEIT), do Instituto de Economia da UNICAMP, a partir do qual foi desenvolvido um tradutor que correlaciona os dados SITC com os capítulos NCM das pautas. Em seguida, foram realizados os agrupamentos por intensidade tecnológica, pelo modelo UNCTAD (2002), para os capítulos das pautas de exportação e importação de SC (Cf. Tabela A1).

A monografia está estruturada em quatro capítulos. O capítulo 1 apresenta a contextualização e fundamentação teórica, os objetivos e a metodologia de pesquisa. No capítulo 2 é apresentada a evolução do comércio internacional e a inserção da economia brasileira, expondo as características do comércio mundial e brasileiro, numa ótica de desenvolvimento tecnológico e inserção dinâmica na economia internacional. No capítulo 3, a economia catarinense é analisada sob a ótica de intensidade tecnológica de sua pauta de exportação e importação. As considerações finais constam do capítulo 4. As referências bibliográficas e anexos complementam a estrutura do trabalho.

2 EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL E A INSERÇÃO RECENTE DA ECONOMIA BRASILEIRA

2.1 Introdução

Neste capítulo, destacam-se a evolução recente do comércio internacional e a inserção da economia brasileira. As características do comércio mundial são apresentadas na seção 2.2 e, na seção 2.3, a economia brasileira a partir dos anos 90. Na última seção, apresentam-se as características do comércio brasileiro. O desenvolvimento tecnológico e a inserção dinâmica na economia internacional são os principais focos de análise do capítulo.

2.2 Características do comércio internacional no contexto de política de abertura comercial

Houve um crescimento substancial do comércio mundial nas últimas três décadas, em volume e porcentagem do PIB das nações desenvolvidas e em desenvolvimento, como afirma Castells (2006). A partir da década de 60, o comércio de produtos manufaturados passa a representar a maior parte do que é comercializado no mundo, representando três quartos do comércio mundial, na década de 90.

Uma nova forma de desequilíbrio superpõe-se nas trocas comerciais entre economias desenvolvidas e em desenvolvimento, segundo Castells (2006). A desigualdade tradicional nas trocas ocorria através dos manufaturados mais valorizados, com as matérias-primas menos valorizadas. A nova forma é o comércio entre bens de alta e de baixa tecnologia e entre serviços de alta qualificação e baixa qualificação. Os bens de alta e média intensidade no comércio internacional representavam 33% em 1976, e passam a representar 55% em 1996.

A taxa de crescimento do produto mundial, no período de 1991-2006, está representada na Tabela 2.1. Como aponta o *Trade Development Report (TDR) 2007*, elaborado por

UNCTAD, o sul e leste asiáticos continuam demonstrando um quadro de grande crescimento, que muito se deve às performances da China e Índia, com taxas de investimento na ordem de 40% e 30% do PIB, respectivamente. O dinamismo dessas duas economias têm influenciado outras economias em desenvolvimento no Leste, Sudeste e Sul da Ásia.

Tabela 2.1 – Crescimento do produto mundial 1991-2006^a (mudança % anual)

<i>Region/country</i>	<i>1991-2000^b</i>	<i>2001</i>	<i>2002</i>	<i>2003</i>	<i>2004</i>	<i>2005</i>	<i>2006^c</i>
World	2.9	1.5	1.8	2.6	4.1	3.4	4.0
Developed countries	2.5	1.1	1.2	1.8	3.1	2.4	3.0
<i>of which:</i>							
Japan	1.1	0.2	0.3	1.4	2.7	1.9	2.2
United States	3.5	0.8	1.6	2.5	3.9	3.2	3.3
European Union	2.2	1.9	1.2	1.2	2.3	1.7	3.0
<i>of which:</i>							
Euro area	2.1	1.9	0.9	0.8	2.0	1.3	2.8
France	2.0	1.9	1.0	1.1	2.3	1.2	2.2
Germany	1.8	1.2	-0.0	-0.2	1.3	0.9	2.8
Italy	1.5	1.8	0.3	0.0	1.1	-0.0	1.9
United Kingdom	2.7	2.4	2.1	2.7	3.3	1.9	2.8
South-East Europe and CIS	-4.2	5.9	5.2	7.1	7.7	6.4	7.5
South-East Europe ^e	-0.9	4.8	4.7	4.3	6.2	4.7	6.2
CIS	-5.0	6.2	5.4	7.8	8.1	6.8	7.7
<i>of which:</i>							
Russian Federation	-4.7	5.1	4.7	7.3	7.2	6.4	6.7
Developing countries	5.0	2.6	3.8	5.1	7.1	6.5	6.9
Africa	2.7	3.7	3.4	4.9	5.3	5.3	5.6
North Africa (excl. Sudan)	3.2	3.9	3.4	5.3	5.0	4.5	5.7
Sub-Saharan Africa (excl. South Africa)	2.6	4.1	3.4	5.5	5.8	6.2	5.8
South Africa	2.1	2.7	3.6	3.1	4.8	5.1	5.0
Latin America and the Caribbean	3.2	0.3	-0.5	2.1	6.2	4.8	5.7
Caribbean	1.8	0.5	2.5	2.7	3.7	6.9	8.5
Central America (excl. Mexico)	4.5	1.7	2.4	3.6	4.0	4.5	6.0
Mexico	3.1	-0.0	0.8	1.4	4.2	3.0	4.8
South America	3.3	0.3	-1.5	2.4	7.4	5.4	5.8
<i>of which:</i>							
Brazil	2.9	1.3	2.7	1.1	5.7	2.9	3.7
Asia	6.5	3.5	5.9	6.5	7.8	7.4	7.6
East Asia	8.5	5.0	7.3	6.9	8.2	7.8	8.4
<i>of which:</i>							
China	12.4	8.3	9.1	10.0	10.1	10.2	10.7
South Asia	5.3	4.4	4.7	7.0	7.7	8.0	7.9
<i>of which:</i>							
India	6.0	5.0	4.0	7.1	8.5	9.2	9.2
South-East Asia	5.1	2.1	4.8	5.4	6.6	5.7	6.0
West Asia	3.9	-0.9	3.5	5.4	7.8	6.9	5.5

Fonte: elaborado por Secretariado UNCTAD a partir de UNCTAD Handbook of Statistics e UN/DESA a Cálculo baseado no PIB à dólares constantes de 2000

b Média

c Estimativas preliminares

A Tabela 2.2 explicita as economias asiáticas em desenvolvimento, que estão ocupando os espaços dinâmicos do comércio mundial. Segundo Coutinho (2003), esses são casos em que o desempenho das exportações foi dinamizador do crescimento econômico. Esse desempenho funcionou como propulsor para expressivas taxas de crescimento do produto (Cf. Tabela 2.1), em uma década de turbulências de ordem financeira no cenário mundial.

Tabela 2.2 - Países em desenvolvimento selecionados: participação nas exportações mundiais, 1990-2006 (em %)

	PAÍSES EM DESENV.		ÁSIA			AMÉRICA		
			CHINA	CORÉIA DO SUL	CINGAPURA	MÉXICO	BRASIL	
1990	24.3	17	1.8	1.9	1.5	4.1	1.2	0.9
1991	25.1	18.2	2.1	2.1	1.7	4	1.2	0.9
1992	25.7	19.1	2.3	2	1.7	4	1.2	1
1993	27.2	20.4	2.4	2.2	2	4.3	1.4	1
1994	27.6	20.9	2.8	2.2	2.2	4.4	1.4	1
1995	27.6	21	2.9	2.4	2.3	4.4	1.5	0.9
1996	28.5	21.4	2.8	2.4	2.3	4.8	1	0.9
1997	29.4	21.9	3.3	2.4	2.2	5.2	2	0.9
1998	27.8	20.6	3.3	2.4	2	5.2	2.1	0.9
1999	29.1	21.7	3.4	2.5	2	5.3	2.4	0.8
2000	31.9	23.8	3.9	2.7	2.1	5.6	2.6	0.9
2001	31	23.1	4.3	2.4	2	5.6	2.6	0.9
2002	31.8	24.1	5	2.5	1.9	5.4	2.5	0.9
2003	32.2	24.6	5.8	2.6	1.9	5.1	2.2	1
2004	33.8	26	6.5	2.8	2.2	5.2	2.1	1
2005	36.1	27.7	7.3	2.7	2.2	5.4	2	1.1
2006	37.3	28.5	8	2.7	2.3	5.7	2.1	1.1

Fonte: elaboração própria a partir de *Unctad Handbook of Statistics*

O estudo dos mercados mais dinâmicos durante o período 1990-2000, realizado por Coutinho, Hiratuka e Sabbatini (2003) identificou os quinze países que mais contribuíram para a variação das importações, correlacionando as variáveis crescimento e tamanho do mercado. A Tabela 2.3 demonstra a classificação desses principais mercados, por intensidade tecnológica da pauta importadora, no ano 2000. Percebe-se que mais da metade da pauta era formada por produtos de alta e média intensidade tecnológica.

Tabela 2.3 – Mercados mais dinâmicos: composição da pauta de importação, por intensidade tecnológica, 2000 (em %)

País	Alta e Média	Commodities Primárias	Baixa e Intensiva em Rec.Nat.	Não Classificados*
Alemanha	48,0	11,8	17,8	22,4
Bélgica [#]	49,7	14,3	24,7	11,3
Canadá	64,5	8,9	16,8	9,8
China	57,8	14,4	16,8	11,0
Coréia do Sul	49,5	13,4	10,6	26,5
Espanha	54,5	14,2	16,8	14,4
EUA	54,4	7,7	20,4	17,6
França	55,1	12,7	20,0	12,2
Holanda	55,6	14,7	16,1	13,5
Hong Kong	55,0	7,2	32,4	5,4
Japão	38,8	21,8	15,5	23,8
México	65,6	8,0	19,1	7,3
Reino Unido	59,2	12,4	19,8	8,5
Cingapura	70,7	5,2	8,9	15,2
Selecionados (Média simples)	55,6	11,9	18,3	14,2
Mundo	53,3	12,1	18,7	15,9

* Inclui hidrocarbonetos

[#] inclui Luxemburgo

Fonte: elaborado por NEIT-UNICAMP a partir de *Unctad Handbook of Statistics e metodologia UNCTAD 2002*

Utilizando a mesma metodologia, foram identificados os quinze mercados exportadores mais dinâmicos, no decênio 1990-2000. Verificou-se uma forte presença de produtos mais intensivos em tecnologia (64%) no total da pauta exportadora para o ano de 2000, como demonstra a Tabela 2.4 abaixo.

Tabela 2.4 – Mercados mais dinâmicos: composição da pauta de exportação, por intensidade tecnológica, 2000 (em %)

País	Alta e Média	Commodities Primárias	Baixa e Intensiva em Rec.Nat.	Não Classificados*
Alemanha	66,4	7,5	15,4	10,7
Bélgica [#]	50,4	13,2	26,2	10,1
Canadá	48,0	16,9	14,4	20,7
China	40,5	8,4	44,9	6,2
Coréia do Sul	63,5	3,7	24,9	7,9
EUA	69,0	11,6	10,9	8,5
França	61,8	13,9	17,2	7,0
Holanda	54,7	20,5	12,3	12,6
Hong Kong	36,2	7,1	47,0	9,7
Japão	79,9	2,1	12,5	5,5
Malásia	68,9	9,2	10,3	11,6
México	65,7	6,8	16,4	11,0
Reino Unido	64,9	8,3	13,5	13,3
Cingapura	77,3	3,8	5,2	13,7
Selecionados	63,8	9,5	16,6	10,0
<i>Brasil</i>	36,5	38,1	20,7	4,8
Mundo	53,6	11,6	18,6	16,3

* Inclui hidrocarbonetos

[#] inclui Luxemburgo

Fonte: elaborado por NEIT-UNICAMP a partir de *Unctad Handbook of Statistics e metodologia UNCTAD 2002*

2.3 Economia brasileira a partir dos anos 90

A primeira metade dos anos 90 marca a posse de Fernando Collor de Mello, na Presidência da República brasileira. As reformas propostas por Collor, como afirma Castro (2005), introduziram uma ruptura com o modelo de crescimento com elevada participação do Estado e proteção tarifária. A agenda do governo Collor não se limitou apenas a reformas de privatização, como também por significativas mudanças na política de comércio exterior. Juntamente com a adoção do câmbio livre, a política de importações foi reestruturada, no sentido de maior liberalização comercial.

Os planos econômicos Collor I e II fracassaram em eliminar a inflação, resultando em recessão e perda de credibilidade das instituições de poupança. A crise financeira do país foi agravada por esses sucessivos fracassos no combate à inflação. Enquanto o Brasil tentava, em

vão, controlar o processo inflacionário, a política industrial ficava prejudicada, sem estimular os avanços tecnológicos e organizacionais no âmbito industrial. Segundo Castro (2005), o Plano Brady, surgido em 1989, no cenário internacional, teve como elemento central a reestruturação da dívida soberana de trinta e dois países, mediante a troca da dívida por bônus de emissão do governo do país devedor, que contemplavam abatimento do encargo da dívida. Nesse contexto, o Brasil completou a negociação desse Plano em 1994 e, com isto, conseguiu consolidar o processo de estabilização econômica.

O Plano Real, iniciado em 1994, sob o comando da equipe econômica do Governo Fernando Henrique Cardoso, foi estruturado em três estágios: i) ajuste fiscal visando o equilíbrio das contas públicas para o controle da inflação; ii) criação da Unidade Real de Valor (URV); e iii) concessão de poder liberatório à unidade de conta e estabelecimento das regras de emissão e lastreamento da nova moeda a ser introduzida. Diferentemente do que se previa, como aponta Castro (2005), a falta de ajuste fiscal proposto no primeiro estágio não fez retornar o processo inflacionário. O segundo estágio visava acabar com o componente inercial da inflação. A URV representava uma nova unidade de conta em que, através dela, a recuperação da função unidade de conta resgataria a função de reserva de valor. A desindexação promovida por essa nova unidade de conta foi fundamental para a estabilização inflacionária. O terceiro estágio foi marcado por incompatibilidades nas medidas adotadas, a exemplo da instituição de âncoras monetária e cambial, numa economia com mobilidade de capitais. O governo abandona a âncora monetária em outubro de 1994, permanecendo com a cambial.

No que tange ao comportamento da balança comercial no período 1990-1994, o nível das exportações apresenta forte retração no primeiro biênio, mas nos três anos posteriores mostra sinais de recuperação e expansão, principalmente no setor manufatureiro. Já o nível das importações aumenta durante todo o período, numa média de 12% ao ano.

O Plano Real mostrou-se muito eficiente no controle inflacionário, como visto no período 1995-1998. Entretanto, como aponta Giambiagi (2005), dois problemas de gestão macroeconômica vinham à tona: i) desequilíbrio externo – déficits em conta corrente em decorrência do aumento das importações e a maior despesa em decorrência do passivo externo; ii) crise fiscal – dívida pública crescente, enorme déficit público (7% PIB – média 1995-1998) e déficit primário do setor público consolidado. A política de altas taxas de juros reais,

combinada com crescentes déficits em conta corrente, poderia ser sustentada se houvesse espaço para endividamento, nos âmbitos público e externo, que não era o caso brasileiro no período. Essa situação se agravava frente ao cenário externo adverso (crises Mexicana em 1994, Asiática em 1997 e Russa em 1998), pois os empréstimos aos países emergentes foram reduzidos, afetando o Brasil, que começava a rolar a dívida interna a taxas de juros excessivamente altas. No período de 1999-2002, o país passa a ter condições de enfrentar os problemas macroeconômicos: i) inflação – Banco Central (BC) atua via taxas de juros; ii) balanço de pagamentos (BP) – câmbio se ajusta, melhorando a conta corrente (CC); e iii) dívida pública – via ajuste do superávit primário. Dessa forma, o primeiro governo FHC é marcado por uma política cambial rígida, uma crescente dependência de financiamento externo e um grande desequilíbrio no âmbito fiscal. O segundo governo é marcado por um ajuste fiscal, pela redução do forte déficit em conta corrente e pela flutuação cambial.

O rumo da economia brasileira, a partir de 2003, após a incerteza sobre a política monetária a ser seguida pelo novo governo, foi de continuidade da política econômica baseada na flutuação cambial, metas de inflação e austeridade fiscal.

2.4 Participação do Brasil no comércio internacional

O Brasil exporta pouco, segundo estudos do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial - IEDI. Foram US\$ 60 bilhões em 2002, o que corresponderia a 12% do PIB. A média dos dezessete principais países emergentes no mesmo período é de 29% do PIB. Entre os dez principais países desenvolvidos, a média é de 21% do PIB, excluindo os EUA (este com 6,5%). Da mesma forma, é baixa a expressão do comércio exterior brasileiro (exportações mais importações), relativamente ao PIB - apenas 23% em 2001.

Segundo Veiga (2000), a abertura comercial contribuiu para moldar um ambiente de negócios com maior grau de contestabilidade e também se fez como pré-condição para a redução dos níveis inflacionários pós 94. A abertura, associada a uma significativa apreciação cambial até 1999, como aponta Gonçalves (2000), foi um dos determinantes do aumento da produtividade brasileira, ao permitir a importação de insumos industriais e agrícolas de melhor

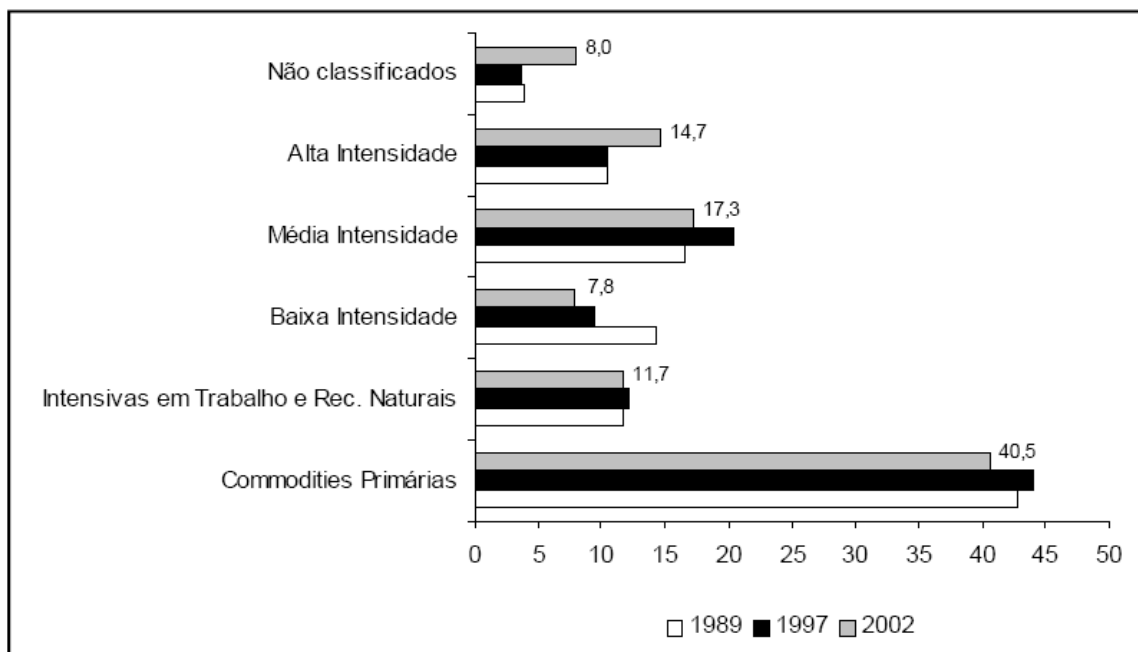
qualidade. Entretanto, apesar desse aumento de produtividade, a competitividade das exportações apresentou queda no período, em virtude desse aumento de produtividade não significar um aumento na escala de produção.

A discriminação positiva da integração regional via MERCOSUL fez ocorrer uma mudança nos preços relativos, gerando efeito criação de comércio na região. Apesar da perda de competitividade brasileira na segunda metade dos anos 90, como afirma Gonçalves (2000), esta não foi maior devido ao efeito da integração regional.

Segundo estudos do IEDI, o Brasil segue uma trilha de desindustrialização, em que uma política de altas taxas de juros afeta a demanda agregada, inibindo o investimento, componente da demanda que gera renda e emprego, e as exportações, pelo efeito negativo que exercem sobre a conta financeira e de capital. A excessiva apreciação cambial e aquecimento no mercado de commodities desestimulam a exportação de outros produtos, que perdem competitividade, provocando a substituição de produção doméstica por produtos importados, o que se observa em especial no setor produtor de bens duráveis, recentemente.

A abertura, segundo Coutinho, Hiratuka e Sabbatini (2003), promovida em contexto de sobrevalorização cambial e sem a instituição de políticas industriais e tecnológicas, não foi capaz de modificar significativamente o padrão de especialização das exportações do Brasil. A Figura 2.1 apresenta o grau de intensidade tecnológica da pauta exportadora brasileira, demonstrando a manutenção, ao longo do período de abertura comercial, da importância dos produtos primários.

Figura 2.1 – pauta de exportação por intensidade tecnológica, 1989, 1997 e 2002



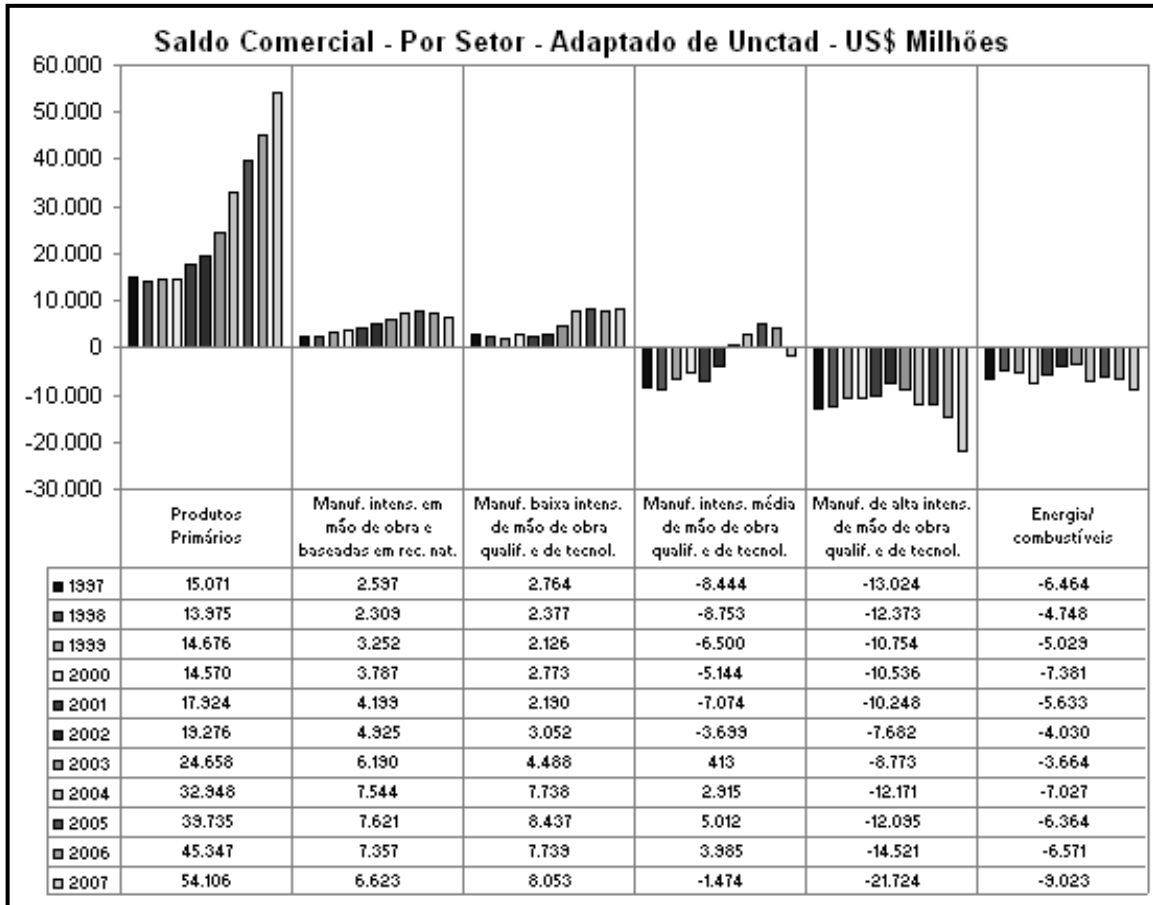
Fonte:

elaborado por NEIT-UNICAMP a partir de dados do SECEX utilizando a metodologia UNCTAD 2002.

Como apontam Sarti e Sabbatini (2003), o processo de abertura comercial presenciou o crescimento da importância dos produtos de alta e média intensidade tecnológica na corrente de comércio. Só que esse aumento foi assimétrico, com as importações desses produtos influenciando mais as variações das importações do que das exportações. A Figura 2.2, abaixo, apresenta a balança comercial brasileira por intensidade tecnológica, em que os níveis de maior intensidade tecnológica apresentam déficits ao longo dos últimos dez anos.

Portanto, pela análise dos últimos dez anos, o grupo dos produtos primários amplia consideravelmente o seu crescimento no saldo comercial. As manufaturas baseadas em recursos naturais e de baixa intensidade apresentam saldo positivo, porém sem tanta expressividade quanto o grupo dos produtos primários. O grupo de média intensidade de tecnologia apresenta saldo negativo no período (exceto 2003-2006 em que esboça uma certa recuperação). O grupo de alta tecnologia apresenta também saldo negativo, porém com maior intensidade que o de média tecnologia.

Figura 2.2 – Saldo Comercial, por intensidade tecnológica, anos 1997-2007



Fonte: elaborado por IEDI a partir de ALICEWEB e metodologia UNCTAD 2002

3 ECONOMIA CATARINENSE

3.1 Desempenho econômico

A partir da década de 90, no contexto de políticas de abertura comercial brasileira, Santa Catarina apresenta um cenário de reestruturação produtiva de alguns setores e de desarticulação na produção de outros. Apresenta também o surgimento de novas indústrias. Goularti Filho (2007) enumera as principais transformações ocorridas na década de 90 nos setores industriais:

- ♣ Reestruturação produtiva: revestimento cerâmico e eletro-metal-mecânico;
- ♣ Desmonte parcial do complexo carbonífero;
- ♣ Desverticalização do setor têxtil-vestuário;
- ♣ Retração da indústria de calçados;
- ♣ Desnacionalização parcial do complexo agroindustrial da carne;
- ♣ Expansão da indústria de matérias plásticas, pesca, papel e celulose, mobiliário e frutas;
- ♣ Formação e expansão do complexo agroindustrial de frutas, leite e arroz;
- ♣ Ressurgimento da indústria de madeira no planalto serrano;
- ♣ Investimentos diretos externos : siderurgia, colorífico, vidro, borracha e reflorestamento.

Depois da década de 90, nos anos 2000 a 2006, ocorrem algumas mudanças fundamentais na estrutura industrial do Estado, como bem ressalta Goularti Filho (2007). Entre elas estão: i) a queda do desempenho na indústria cerâmica no sul, como também nos setores de transporte, têxtil e madeireiro; ii) bom desempenho do setor eletro-metal-mecânico e o reaparecimento da indústria naval em Itajaí; iii) a integração com novos mercados externos, com destaque para os países do Leste Europeu.

Como apontam Campos et al. (2002), a estrutura industrial catarinense vem sendo modificada ao longo dos últimos anos, com um aumento expressivo do valor da transformação industrial (VTI) nos setores eletro-metal-mecânico e de alimentos e uma retração desse indicador para o setor têxtil-vestuário. No ano de 1998, o Estado possuía o sétimo maior PIB nacional, o que corresponderia aproximadamente a 3,5% do PIB do Brasil. No ano de 2002

essa proporção passaria a 3,7%, e em 2005 para quase 4% do produto brasileiro, como demonstra a Tabela 3.1, abaixo.

Tabela 3.1 - Produto Interno Bruto a preço de mercado e per capita, do Brasil e de Santa Catarina, 2002-2005

BRASIL/ ESTADO	PRODUTO INTERNO BRUTO (R\$ MILHÃO)				PRODUTO INTERNO BRUTO <i>PER CAPITA</i> (R\$)			
	2002	2003	2004	2005	2002	2003	2004	2005
Brasil	1,477,822	1,699,948	1,941,498	2,147,239	8,378	9,498	10,692	11,658
SC	55,732	66,849	77,393	85,295	9,969	11,764	13,403	14,539

Fonte: elaborado por IBGE e SPG/DEGE/Gerência de Estatística.

3.2 Balança comercial

A balança comercial do Estado de Santa Catarina apresenta uma taxa de crescimento média das exportações, no período de 1993-2007, de aproximadamente 9.45%, com crescimento negativo para os anos de 1996, 1998 e 1999. Em contraste, a taxa de crescimento médio das importações totais chega a mais que o dobro das exportações, atingindo a marca de 21.75% para o período, com crescimento negativo no biênio 1998-1999 e para o ano de 2001, conforme Tabela 3.2, a seguir.

Tabela 3.2 – Balança comercial de Santa Catarina, 1993-2007 (US\$ 10³ FOB)

ANO/MÊS	EXPORTAÇÃO		IMPORTAÇÃO		SALDO
	VALOR (A)	VAR.% (*)	VALOR (B)	VAR. % (*)	(A)-(B)
1993	2,198,136		491,469		1,706,667
1994	2,404,689	9.4	877,909	78.6	1,526,781
1995	2,652,025	10.3	1,198,541	36.5	1,453,484
1996	2,637,308	-0.6	1,249,005	4.2	1,388,303
1997	2,803,152	6.3	1,407,807	12.7	1,395,345
1998	2,605,306	-7.1	1,270,694	(9.7)	1,334,612
1999	2,567,364	-1.5	883,465	(30.5)	1,683,899
2000	2,711,703	5.6	957,133	8.3	1,754,570
2001	3,028,399	11.7	860,240	(10.1)	2,168,159
2002	3,157,065	4.3	931,430	8.3	2,225,635
2003	3,695,786	17.1	993,727	6.7	2,702,060
2004	4,853,506	31.3	1,508,986	51.9	3,344,521
2005	5,584,125	15.1	2,186,455	44.9	3,397,670
2006	5,982,112	6.93	3,468,768	58.5	2,513,344
2007	7,381,839	23.4	5,001,944	44.2	2,379,896

Fonte: elaborado por MDIC/DEPLA/GEREST a partir de ALICEWEB

(*) proporção sobre o ano anterior

No contexto nacional, a balança comercial apresenta duas diferenças marcantes, em relação ao Estado de Santa Catarina. A primeira delas é o menor diferencial entre as taxas de crescimento médias das exportações e importações totais, para o período em questão, apresentando respectivamente 11.17% e 13.2%. A segunda é a presença de um déficit na balança comercial brasileira, na segunda metade da década de 90 (1995-2000), o que não ocorre no contexto estadual, apesar da presença de maior taxa de crescimento no que tange ao comportamento das importações (Cf. Tabelas 3.2 e 3.3).

Tabela 3.3 – Balança comercial do Brasil, 1993-2007 (US\$ 10³ FOB)

ANO/MÊS	EXPORTAÇÃO		IMPORTAÇÃO		SALDO (A)-(B)
	VALOR (A)	VAR% (*)	VALOR (B)	VAR% (*)	
1993	38,554,769		25,256,001		13,298,768
1994	43,545,149	12.94	33,078,690	30.97	10,466,459
1995	46,506,282	6.80	49,971,896	51.07	-3,465,614
1996	47,746,728	2.67	53,345,767	6.75	-5,599,039
1997	52,982,726	10.97	59,747,227	12.00	-6,764,501
1998	51,139,862	-3.48	57,763,476	-3.32	-6,623,614
1999	48,011,444	-6.12	49,294,639	-14.66	-1,283,195
2000	55,085,595	14.73	55,838,590	13.28	-752,994
2001	58,222,642	5.69	55,572,176	-0.48	2,650,466
2002	60,361,786	3.67	47,240,488	-14.99	13,121,297
2003	73,084,140	21.08	48,291,040	2.22	24,793,100
2004	96,475,220	32.01	62,781,796	30.01	33,693,424
2005	118,308,269	22.63	73,551,418	17.06	44,756,852
2006	137,807,470	16.26	91,350,841	24.12	46,456,629
2007	160,649,073	16.58	120,620,878	32.04	40,028,195

Fonte: elaborado por MDIC/DEPLA/GEREST a partir de ALICEWEB

(*) proporção sobre o ano anterior

Portanto, levando em consideração a balança comercial catarinense, tiram-se as seguintes conclusões: i) Santa Catarina acompanha o movimento nacional (exceto em 2002); ii) a partir de 2003 as taxas de variação começam a crescer expressivamente com uma regularidade não apresentada nos anos anteriores, tanto para as exportações quanto para as importações; iii) as importações apresentam um crescimento superior ao das exportações.

Em uma análise recente, as exportações catarinenses, por categoria de uso para os últimos três anos, apresentam uma participação substancial dos bens intermediários e dos bens de consumo, com uma média de 37.9% e 43.6% respectivamente. A categoria dos bens de capital não ultrapassa a casa dos 20% no período. Observa-se um aumento na participação dos bens intermediários, de pouco mais de 5 pontos percentuais, de 2005 a 2007, e uma diminuição na participação dos bens de consumo de quase 9 pontos percentuais para o mesmo período, como demonstrado na Tabela 3.4 abaixo.

Tabela 3.4 – Exportações por categoria de uso, 2005-2007 (US\$ FOB)

SETORES	2007 (Jan./Dez.)		2006 (Jan./Dez.)		2005 (Jan./Dez.)	
	VALOR	PART. % (*)	VALOR	PART. % (*)	VALOR	PART. % (*)
Total do período	7,381,839,477	100	5,982,111,911	100	5,584,124,544	100.0
Bens de capital	1,451,733,500	19.67	1,166,079,113	19.49	898,027,041	16.1
Bens de capital (exc. eq. tranp. ind.)	1,421,275,428	19.25	1,158,318,486	19.36	891,902,100	16.0
Equip. de transporte de uso industrial	30,458,072	0.41	7,760,627	0.13	6,124,941	0.1
Bens intermediários	2,887,695,657	39.12	2,443,430,079	40.85	1,888,196,596	33.8
Alimentos e bebidas destinados a ind.	370,383,054	5.02	95,086,691	1.59	74,726,876	1.3
Insumos industriais	2,090,330,288	28.32	1,925,471,158	32.19	1,488,018,723	26.7
Pecas e acessórios de equip. de transporte	423,415,602	5.74	420,488,358	7.03	325,383,749	5.8
Bens diversos	3,566,713	0.05	2,383,872	0.04	67,248	...
Bens de consumo	3,038,258,409	41.16	2,370,306,387	39.62	2,795,517,767	50.1
Bens de consumo duráveis	538,719,106	7.3	501,603,607	8.39	541,152,367	9.7
Bens de consumo não duráveis	2,499,539,303	33.86	1,868,702,780	31.24	2,254,365,400	40.4
Combustíveis e lubrificantes	590,286	0.01	362,411	0.01	304,347	0.0
Demais operações	3,561,625	0.05	1,933,921	0.03	2,078,793	0.0

Fonte: elaborado por Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio/DEPLA/GEREST

(*) participação percentual sobre o total do período.

Portanto, o padrão exportador recente (2005-2007) manteve-se com base nas seguintes características: i) a grande importância dos bens de consumo não duráveis e dos insumos industriais; ii) e o aumento da participação dos bens de capital.

A configuração das importações por categoria de uso apresenta grande diferença das exportações, no que tange à participação dos setores para o período 2005-2007. Os bens intermediários representam a grande fatia da participação, com 63,75% em 2007 e uma média de quase 67% no período. Os bens de capital ocupam o segundo lugar, com uma participação média na casa dos 20% do total importado no período. O grupo dos bens de consumo apresenta uma média de 12,5% de participação, mas com um aumento de pouco mais de 4 pontos percentuais na participação de 2005 a 2007, conforme Tabela 3.5, abaixo.

Tabela 3.5 – Importações por categoria de uso, 2005-2007 (US\$ FOB)

SETORES	2007 (Jan./Dez.)		2006 (Jan./Dez.)		2005 (Jan./Dez.)	
	VALOR	PART. % (*)	VALOR	PART. % (*)	VALOR	PART. % (*)
Total do período	5,001,943,598	100	3,468,767,697	100	2,186,454,844	100.0
Bens de capital	1,087,948,684	21.75	671,763,587	19.37	430,768,586	19.7
Bens de capital (exc. eq. tranp. ind.)	1,086,083,613	21.71	670,998,056	19.34	427,757,923	19.6
Equip. de transporte de uso industrial	1,865,071	0.04	765,531	0.02	3,010,663	0.1
Bens intermediários	3,188,769,616	63.75	2,311,570,800	66.64	1,533,886,283	70.2
Alimentos e bebidas destinados a ind.	191,020,837	3.82	182,582,240	5.26	128,943,536	5.9
Insumos industriais	2,845,236,779	56.88	2,060,644,016	59.41	1,358,629,155	62.1
Pecas e acessórios de equip. de transporte	152,482,841	3.05	68,194,864	1.97	45,989,778	2.1
Bens diversos	29,159	---	149,680	---	323,814	0.0
Bens de consumo	706,944,239	14.13	473,624,831	13.65	216,026,814	9.9
Bens de consumo duráveis	191,297,013	3.82	100,242,066	2.89	41,570,896	1.9
Bens de consumo não duráveis	515,647,226	10.31	373,382,765	10.76	174,455,918	8.0
Combustíveis e lubrificantes	18,281,059	0.37	11,808,479	0.34	5,772,958	0.3
Demais operações	---	---	---	---	203	...

Fonte: elaborado por Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio/DEPLA/GEREST

(*) participação percentual sobre o total do período.

Assim, em relação ao padrão importador recente, destacam-se a importância dos insumos industriais e o crescimento do investimento industrial, com uma maior participação dos bens de capital.

A Tabela 3.6, abaixo, apresenta os principais compradores dos produtos catarinenses nos últimos dois anos. Os Estados Unidos são o principal comprador, com 17,3% da participação no total exportado em 2007. No contexto de bloco econômico, a União Européia fica com 28% da participação no mesmo ano. O Mercosul representa apenas 10% da participação do total exportado.

Tabela 3.6 – Exportação por principais países e blocos econômicos de origem em SC, 2006-2007

ORD.	DESCRIÇÃO	2007 (Jan./Dez.)		2006 (Jan./Dez.)		VAR.%
		US\$ F.O.B	PART.%	US\$ F.O.B.	PART.%	07/06
	TOTAL DA ÁREA	7,381,839,477	100	5,982,111,911	100	23.4
	TOTAL DOS PRINCIPAIS PAÍSES DE DESTINO	6,216,101,268	84.21	5,047,419,980	84.38	23.15
1	ESTADOS UNIDOS	1,277,363,371	17.3	1,390,665,972	23.25	-8.15
2	ARGENTINA	522,451,783	7.08	396,283,327	6.62	31.84
3	PAISES BAIXOS (HOLANDA)	432,771,120	5.86	260,262,484	4.35	66.28
4	ALEMANHA	367,245,174	4.97	284,241,938	4.75	29.2
5	JAPAO	328,738,280	4.45	228,766,784	3.82	43.7
6	REINO UNIDO	297,356,521	4.03	258,673,023	4.32	14.95
7	MEXICO	194,333,392	2.63	176,858,005	2.96	9.88
8	RUSSIA, FEDERACAO DA	190,472,823	2.58	246,609,388	4.12	-22.76
9	AFRICA DO SUL	189,515,344	2.57	147,077,924	2.46	28.85
10	ITALIA	187,879,467	2.55	166,309,336	2.78	12.97
11	ESPAÑHA	181,709,116	2.46	124,529,832	2.08	45.92
12	VENEZUELA	175,926,498	2.38	80,401,497	1.34	118.81
13	CHILE	160,973,000	2.18	165,842,275	2.77	-2.94
14	FRANCA	157,494,325	2.13	125,864,966	2.1	25.13
15	HONG KONG	152,846,599	2.07	86,707,920	1.45	76.28
16	COREIA, REPUBLICA DA (SUL)	132,294,533	1.79	40,190,314	0.67	229.17
17	CHINA	129,048,768	1.75	92,201,517	1.54	39.96
18	BELGICA	126,199,417	1.71	86,427,520	1.44	46.02
19	CINGAPURA	116,989,262	1.58	84,135,955	1.41	39.05
20	PARAGUAI	113,159,577	1.53	83,277,566	1.39	35.88
21	UCRANIA	111,774,158	1.51	94,017,149	1.57	18.89
22	ARABIA SAUDITA	109,167,223	1.48	80,991,285	1.35	34.79
23	URUGUAI	102,953,498	1.39	78,575,554	1.31	31.02
24	CANADA	98,363,858	1.33	90,466,841	1.51	8.73
25	EMIRADOS ARABES UNIDOS	69,882,009	0.95	45,174,473	0.76	54.69
26	NORUEGA	69,592,407	0.94	1,625,608	0.03	---
27	AUSTRALIA	65,156,598	0.88	40,600,237	0.68	60.48
28	PERU	53,863,455	0.73	35,564,858	0.59	51.45
29	PORTUGAL	51,331,247	0.7	33,255,301	0.56	54.36
30	ANGOLA	49,248,445	0.67	21,821,131	0.36	125.69
31	DEMAIS PAÍSES	1,165,738,209	15.79	934,691,931	15.62	24.72
	PRINCIPAIS BLOCOS ECONÔMICOS					
1	UNIAO EUROPEIA - UE	2,068,841,870	28.03	1,557,470,702	26.04	32.83
2	ESTADOS UNIDOS (INCLUSIVE PORTO RICO)	1,313,266,526	17.79	1,428,704,562	23.88	-8.08
3	ASIA (EXCLUSIVE ORIENTE MEDIO)	1,002,842,645	13.59	632,838,594	10.58	58.47
4	MERCADO COMUM DO SUL - MERCOSUL	738,564,858	10.01	558,136,447	9.33	32.33
5	ALADI (EXCLUSIVE MERCOSUL)	715,090,568	9.69	584,267,377	9.77	22.39
6	DEMAIS BLOCOS	1,543,233,010	20.91	1,220,694,229	20.41	26.42

Fonte: elaborado por MDIC/DEPLA/GEREST

A Tabela 3.7, abaixo, relaciona os principais países e blocos econômicos dos quais Santa Catarina importou, no período 2006-2007. A China aparece como principal parceiro, com uma participação em 2007 de 18,5%. Nota-se que ocorre um grande crescimento, pouco mais de 100%, de um ano para o outro, das importações chinesas. A importação do Mercosul

fecha 2007 com uma participação de 19,2%, em contraste com a participação de 10% exportados pelo Estado para o este bloco, no mesmo ano.

Tabela 3.7 – Importação por principais países e blocos econômicos de destino em SC, 2006-2007

ORD.	DESCRIÇÃO	2007 (Jan./Dez.)		2006 (Jan./Dez.)		VAR.%
		US\$ F.O.B.	PART.%	US\$ F.O.B.	PART.%	07/06
	TOTAL DA ÁREA	5,001,943,598	100	3,468,767,697	100	44.2
	TOTAL DOS PRINCIPAIS PAÍSES DE ORIGEM	4,720,490,912	94.37	3,278,092,023	94.5	44
1	CHINA	927,074,651	18.53	459,875,145	13.26	101.59
2	ARGENTINA	701,397,585	14.02	603,338,001	17.39	16.25
3	CHILE	528,268,894	10.56	403,952,572	11.65	30.77
4	ESTADOS UNIDOS	416,886,567	8.33	281,562,291	8.12	48.06
5	ALEMANHA	293,742,359	5.87	177,067,757	5.1	65.89
6	PERU	211,056,248	4.22	119,826,882	3.45	76.13
7	INDONESIA	154,359,471	3.09	90,568,806	2.61	70.43
8	URUGUAI	150,139,772	3	142,875,638	4.12	5.08
9	ITALIA	137,013,777	2.74	104,626,544	3.02	30.96
10	PARAGUAI	109,178,359	2.18	87,372,617	2.52	24.96
11	COREIA, REPUBLICA DA (SUL)	104,083,661	2.08	74,916,761	2.16	38.93
12	TAIWAN (FORMOSA)	98,372,930	1.97	64,247,011	1.85	53.12
13	TAILANDIA	98,067,630	1.96	57,440,590	1.66	70.73
14	INDIA	90,291,192	1.81	48,180,287	1.39	87.4
15	MALASIA	81,974,674	1.64	40,428,606	1.17	102.76
16	HONG KONG	79,250,132	1.58	52,359,360	1.51	51.36
17	JAPAO	67,954,943	1.36	53,649,869	1.55	26.66
18	MEXICO	56,821,473	1.14	24,130,434	0.7	135.48
19	ESPANHA	55,524,147	1.11	57,554,925	1.66	-3.53
20	RUSSIA, FEDERACAO DA	47,412,757	0.95	34,288,919	0.99	38.27
21	AUSTRIA	46,821,071	0.94	32,282,363	0.93	45.04
22	FRANCA	44,004,222	0.88	36,849,054	1.06	19.42
23	BELGICA	41,253,679	0.82	38,733,757	1.12	6.51
24	SUICA	31,950,346	0.64	31,353,171	0.9	1.9
25	PORTUGAL	28,995,653	0.58	23,048,334	0.66	25.8
26	CANADA	27,666,492	0.55	45,574,968	1.31	-39.29
27	PAISES BAIXOS (HOLANDA)	23,953,421	0.48	31,366,446	0.9	-23.63
28	IRLANDA	23,239,618	0.46	21,740,804	0.63	6.89
29	MARROCOS	22,365,081	0.45	22,944,755	0.66	-2.53
30	SUECIA	21,370,107	0.43	15,935,356	0.46	34.1
31	DEMAIS PAÍSES	281,452,686	5.63	190,675,674	5.5	47.61
	PRINCIPAIS BLOCOS ECONÔMICOS					
1	ASIA (EXCLUSIVE ORIENTE MEDIO)	1,737,110,226	34.73	967,443,775	27.89	79.56
2	MERCADO COMUM DO SUL - MERCOSUL	960,715,716	19.21	833,586,256	24.03	15.25
3	ALADI (EXCLUSIVE MERCOSUL)	841,552,039	16.82	568,965,600	16.4	47.91
4	UNIAO EUROPEIA - UE	792,459,332	15.84	611,229,976	17.62	29.65
5	ESTADOS UNIDOS (INCLUSIVE PORTO RICO)	419,379,598	8.38	283,899,243	8.18	47.72
6	DEMAIS BLOCOS	250,726,687	5.01	203,642,847	5.87	23.12

Fonte: elaborado por MDIC/DEPLA/GEREST

3.3 Intensidade tecnológica das exportações e importações de Santa Catarina

A análise por nível de intensidade tecnológica presente na pauta comercial de Santa Catarina foi dividida em quatro períodos, remontando aos acontecimentos político-econômicos vivenciados no Brasil:

- ♣ 1990-1994 – início da abertura econômica
- ♣ 1995-1998 – desequilíbrio externo, crise fiscal e estabilidade monetária
- ♣ 1999-2002 – ajuste fiscal, flutuação cambial e metas inflacionárias
- ♣ 2003-2007 – continuação da política econômica anterior.

A classificação foi elaborada utilizando a metodologia adaptada de UNCTAD 2002. Os níveis de tecnologia dos produtos para a leitura das tabelas são definidos da seguinte forma:

- Commodities primárias
- Intensivas em trabalho e recursos naturais
- Baixa intensidade tecnológica
- Média intensidade tecnológica
- Alta intensidade tecnológica
- Não classificados
- Petróleo e outros insumos energéticos.

As variáveis utilizadas para a análise dos grupos de intensidade tecnológica da pauta comercial catarinense são a taxa de crescimento e a participação de cada segmento no total.

Os principais produtos por capítulo NCM exportados e importados por Santa Catarina, classificados por nível de intensidade tecnológica, estão demonstrados nas Tabelas A2 a A14, em anexo.

3.3.1 Período 1990-1994 – Presença expressiva de produtos primários e intensivos em recursos naturais na pauta exportadora

A taxa de crescimento média das exportações no período 1990-1994 foi de 13,60%, com destaque para o aumento de 22,79% no biênio 92-93. A divisão das commodities primárias fecha o período, com uma participação de 41,55% do total exportado. Esse segmento apresenta uma taxa média de crescimento, no período, de 15,57%, quase 2 pontos percentuais superior à média para o total dos produtos.

Os produtos intensivos em trabalho e recursos naturais é o segundo maior segmento, com uma participação média de 39,08% no período. A taxa de crescimento média para o período desse setor fica em 11,59%, 2 pontos percentuais abaixo da taxa média de crescimento total. Isso evidencia a perda de participação na pauta exportadora, que era de 38,08% em 1990 e fecha 1994 com 35,44%.

O setor de média intensidade tecnológica termina o período com ganho de participação na pauta, fechando 1994 com uma participação de 20,44%. A taxa de crescimento média foi de 16,61%, 3 pontos percentuais superior ao crescimento médio do total das exportações e 1 ponto percentual superior ao setor de commodities primárias.

Tabela 3.8 - Exportação anual de Santa Catarina, por níveis de intensidade tecnológica, 1990-1994 (US\$ FOB)

INT TECN	1990		1991		1992		1993		1994	
COMM PRIM	582,379,157	39.96%	519,709,095	34.42%	640,226,512	35.77%	795,965,627	36.21%	999,119,190	41.55%
INT TRAB REC	554,933,790	38.08%	629,736,694	41.71%	730,984,379	40.84%	865,305,528	39.37%	852,283,547	35.44%
BAIXA TEC	40,855,694	2.80%	43,814,249	2.90%	41,792,547	2.33%	47,871,770	2.18%	45,803,241	1.90%
MÉDIA TEC	268,294,512	18.41%	306,203,249	20.28%	364,022,317	20.34%	464,407,581	21.13%	491,442,073	20.44%
ALTA TEC	6,975,801	0.48%	5,309,999	0.35%	7,174,944	0.40%	15,925,415	0.72%	8,469,248	0.35%
NÃO CLASS	3,900,877	0.27%	4,990,220	0.33%	5,642,257	0.32%	8,659,925	0.39%	7,562,597	0.31%
INSUM ENERG	9,468	0.00%	500	0.00%	21,184	0.00%	340	0.00%	9,569	0.00%
Total	1,457,349,299		1,509,764,006		1,789,864,140		2,198,136,186		2,404,689,465	

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

As importações do período 1990-94 apresentam uma taxa de crescimento média de 30,72%, o que representa mais de duas vezes a respectiva taxa média para as exportações do mesmo período. Destaca-se o crescimento de quase 80% do valor importado para o biênio 93-94. O setor que mais influenciou esse considerável aumento foi o de produtos primários, com

um crescimento de 117,6%. Os setores de média e alta tecnologia também contribuíram com relevância, 71,2% e 40,5%, respectivamente.

O segmento de produtos primários apresenta um crescimento médio de 31,85% e uma participação média de 38,23% na pauta importadora. O segmento de média intensidade tecnológica cresceu a uma taxa média de 23,68% no período, e fecha o período com uma participação de 37,11%. Os produtos classificados como de alta tecnologia e produtividade do trabalho tem um crescimento na casa de 25%, e representam em 1994, 6,05% da pauta importadora. Nota-se que setores como o de commodities primário e média intensidade de tecnologia perdem participação na pauta, em razão de um aumento, a partir de 1991, da compra externa de insumos energéticos.

Tabela 3.9 - Importação anual de Santa Catarina, por níveis de intensidade tecnológica, 1990-1994 (US\$ FOB)

INT TECN	1990		1991		1992		1993		1994	
COMM PRIM	138,440,152	42.40%	160,850,487	43.70%	151,541,971	37.06%	150,634,045	30.65%	327,701,164	37.33%
INT TRAB REC	6,396,214	1.96%	7,845,623	2.13%	7,219,056	1.77%	12,271,997	2.50%	20,292,075	2.31%
BAIXA TEC	6,923,833	2.12%	4,009,751	1.09%	7,910,690	1.93%	10,494,978	2.14%	12,880,345	1.47%
MÉDIA TEC	152,100,809	46.58%	152,475,454	41.42%	167,606,391	40.99%	190,347,253	38.73%	325,802,989	37.11%
ALTA TEC	22,090,176	6.76%	24,675,541	6.70%	32,808,141	8.02%	37,835,060	7.70%	53,119,942	6.05%
NÃO CLASS	353,193	0.11%	770,911	0.21%	447,017	0.11%	479,076	0.10%	1,087,263	0.12%
INSUM ENERG	243,320	0.07%	17,476,476	4.75%	41,393,744	10.12%	89,407,029	18.19%	137,025,024	15.61%
Total	326,547,697		368,104,243		408,927,010		491,469,438		877,908,802	

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

3.3.2 Período 1995-1998 – Avanço dos produtos de média intensidade tecnológica

A taxa média de crescimento das exportações para o período 1995-1998 apresenta um crescimento negativo de 0,44%. Esse comportamento negativo é puxado pela diminuição do valor exportado em - 7, 16% no biênio 97-98, que ocorre em virtude das perdas nos setores de produtos primários e intensivo em recursos naturais.

O setor dos produtos primários decresce à taxa média de 1,34% nesse período (no subperíodo 97-98 decresce 12,08%), apresentando uma participação de 43,42% em 1996 e fechando o ano de 1998 com 39,67%. Já o grupo dos produtos intensivos em recursos e

trabalho apresenta um crescimento negativo de 4,85, mais de quatro pontos percentuais em relação à taxa média do total importado. Encerra o período com uma participação de 30,1% na pauta exportadora.

O setor de média intensidade tecnológica apresenta uma taxa de crescimento positiva de 7,29% e um aumento na participação de 5 pontos percentuais na participação no final do período.

Tabela 3.10 - Exportação anual de Santa Catarina, por níveis de intensidade tecnológica, 1995-1998 (US\$ FOB)

INT TECN	1995		1996		1997		1998	
COMM PRIM	1,085,766,317	40.94%	1,145,090,373	43.42%	1,175,166,274	41.88%	1,033,471,953	39.67%
INT TRAB REC	911,970,634	34.39%	873,943,391	33.14%	865,294,763	30.84%	784,237,558	30.10%
BAIXA TEC	50,765,750	1.91%	50,388,852	1.91%	59,634,642	2.13%	58,924,820	2.26%
MÉDIA TEC	586,168,441	22.10%	546,781,530	20.73%	683,349,993	24.36%	707,918,372	27.17%
ALTA TEC	9,122,512	0.34%	13,156,828	0.50%	16,044,951	0.57%	13,611,357	0.52%
NÃO CLASS	8,185,119	0.31%	7,835,330	0.30%	5,917,899	0.21%	7,126,732	0.27%
INSUM ENERG	46,104	0.00%	111,528	0.00%	310,638	0.01%	15,279	0.00%
Total	2,652,024,877		2,637,307,832		2,805,719,160		2,605,306,071	

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

O período que se estende de 1995 a 1998 apresenta uma taxa de crescimento média de 2,42%, representando uma queda no crescimento médio das importações na faixa de 28 pontos percentuais, se comparado ao período anterior analisado. Ocorre um aumento do valor exportado de 12,73% em 96-97, seguido de uma retração de 9,73% em 97-98.

A taxa média de crescimento das importações de commodities foi de -0,65%, com um crescimento negativo de 15,92% em 97-98. A participação média desse grupo foi de 40,5%, fechando o ano de 1998 com 36,7%.

Para o segmento de média intensidade tecnológica ocorre um ganho de participação na pauta importadora de 3 pontos percentuais no final do período, passando de 45,37% em 1995 para 48,45% em 1998. O crescimento foi positivo, ao contrário do total do período, à taxa média de 5,7%.

O segmento de alta intensidade tecnológica apresenta um crescimento médio ainda maior que o de média intensidade, de 6,91%. Termina o período com uma participação de 5,2%.

Tabela 3.11 - Importação anual de Santa Catarina, por níveis de intensidade tecnológica, 1995-1998 (US\$ FOB)

INT TECN	1995		1996		1997		1998	
COMM PRIM	487,923,764	40.71%	565,112,484	45.25%	554,640,315	39.40%	466,313,822	36.70%
INT TRAB REC	51,711,132	4.31%	62,524,065	5.01%	87,679,241	6.23%	68,489,001	5.39%
BAIXA TEC	16,859,810	1.41%	28,653,577	2.29%	37,566,505	2.67%	42,870,842	3.37%
MÉDIA TEC	543,779,620	45.37%	502,485,832	40.23%	660,497,261	46.92%	615,631,874	48.45%
ALTA TEC	55,548,203	4.63%	68,024,379	5.45%	58,993,364	4.19%	65,799,826	5.18%
NÃO CLASS	4,056,698	0.34%	5,287,402	0.42%	7,408,250	0.53%	8,283,219	0.65%
INSUM ENERG	38,661,621	3.23%	16,917,167	1.35%	1,022,032	0.07%	3,305,309	0.26%
Total	1,198,540,848		1,249,004,906		1,407,806,968		1,270,693,893	

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

3.3.3 Período 1999-2002 – Commodities primárias na exportação e bens de média e alta intensidade tecnológica na importação

A exportação de Santa Catarina começa a se recuperar no período 1999-2002, apresentando um crescimento médio de 7,22%. O biênio 2000-2001 reflete um aumento acima da média, com 11,62%.

O setor exportador de commodities primárias cresce a uma taxa superior àquela para o total do período, 11,6%. Apresenta um ganho de participação de 4 pontos percentuais na pauta de exportação ao longo do período, fechando o ano de 2002 com uma participação de quase 45% da pauta exportadora catarinense.

A taxa média de crescimento do grupo dos produtos intensivos em trabalho e recursos foi de 5,84% e a participação na pauta exportadora ficou na casa dos 30% durante o período.

O segmento de média intensidade tecnológica apresenta uma taxa média de crescimento em 1999-02, de 4,11% e perde pouco mais de 2 pontos percentuais na participação das exportações.

Tabela 3.12 - Exportação anual de Santa Catarina, por níveis de intensidade tecnológica, 1999-2002 (US\$ FOB)

INT TECN	1999		2000		2001		2002	
COMM PRIM	1,047,423,934	40.80%	1,037,124,468	38.24%	1,364,803,247	45.03%	1,420,713,583	44.96%
INT TRAB REC	779,006,344	30.34%	884,282,468	32.60%	874,616,084	28.85%	919,300,113	29.09%
BAIXA TEC	55,409,147	2.16%	52,659,645	1.94%	45,148,874	1.49%	43,267,523	1.37%
MÉDIA TEC	666,595,393	25.96%	718,306,691	26.48%	723,849,414	23.88%	751,528,330	23.78%
ALTA TEC	12,400,104	0.48%	13,567,211	0.50%	15,086,240	0.50%	18,553,588	0.59%
NÃO CLASS	6,563,898	0.26%	6,448,008	0.24%	7,516,513	0.25%	6,189,675	0.20%
INSUM ENERG	19,016	0.00%	104,835	0.00%	151,220	0.00%	188,202	0.01%
Total	2,567,417,836		2,712,493,326		3,031,171,592		3,159,741,014	

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

No que tange ao comportamento das importações para os anos de 1999 a 2002, verifica-se uma taxa de crescimento média de 2,17%, porcentagem similar à apresentada no período anterior. Destaque para a taxa de crescimento negativa de 10,13% em 2000-2001.

A importação de produtos primários tem sua participação reduzida em quase 4 pontos percentuais, que passa de 29,78% em 1999 para 25,86% em 2002. A taxa média de crescimento foi -2,56%, quase dois pontos percentuais em relação ao período anterior.

No mesmo período, o grupo de média intensidade apresenta um crescimento médio de 6,29% e tem a sua participação na pauta importadora aumentada em 6 pontos percentuais, fechando 2002 com 63,05%.

Os produtos de alta intensidade tecnológica mostram um crescimento de 6,2% na taxa média do período e terminam 2002 com uma participação de 5,27%.

Tabela 3.13 - Importação anual de Santa Catarina, por níveis de intensidade tecnológica, 1999-2002 (US\$ FOB)

INT TECN	1999		2000		2001		2002	
COMM PRIM	263,176,863	29.78%	271,912,855	28.41%	234,060,726	27.20%	240,820,807	25.86%
INT TRAB REC	50,418,018	5.71%	47,912,994	5.01%	38,756,307	4.50%	31,533,952	3.39%
BAIXA TEC	17,322,920	1.96%	18,375,983	1.92%	25,472,136	2.96%	17,062,568	1.83%
MÉDIA TEC	500,404,114	56.63%	565,380,789	59.07%	499,933,563	58.11%	587,208,414	63.05%
ALTA TEC	42,072,829	4.76%	45,568,422	4.76%	55,657,473	6.47%	49,115,336	5.27%
NÃO CLASS	6,156,392	0.70%	5,785,835	0.60%	5,328,691	0.62%	3,928,137	0.42%
INSUM ENERG	4,070,722	0.46%	2,233,542	0.23%	1,185,190	0.14%	1,726,018	0.19%
Total	883,621,858		957,170,420		860,394,086		931,395,232	

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

3.3.4 Período 2003-2007 – Aumento do ritmo de crescimento das exportações e importações

No período de 2003 a 2007 verifica-se um aumento de quase 12 pontos percentuais na taxa média de crescimento da exportação anual do Estado, em relação ao período 1999-2002, fechando em 19,18%. O biênio 2003-2004 destaca-se pela taxa de crescimento de 31,33% do total exportado.

O grupo dos produtos primários demonstra um crescimento médio de 20,71% e termina o período com 44,45% da participação no total exportado de 2003 a 2007. De 2005 a 2006 esse grupo apresenta um crescimento negativo de 8,67%, por influência do embargo russo às carnes catarinenses.

O grupo dos produtos intensivos em trabalho e recursos naturais cresce a uma taxa média de 12,73% e apresenta uma queda na participação do total exportado, passando de 28,4% em 2003, para 22,7% em 2007.

O grupo dos produtos de média intensidade tecnológica cresce no período a uma taxa média de 23,76% e aumenta sua participação na pauta exportadora em 4 pontos percentuais, que era de 25,25% em 2003 e atinge 29,48% em 2007.

Tabela 3.14 - Exportação anual de Santa Catarina, por níveis de intensidade tecnológica, 2003-2007 (US\$ FOB)

NT TECN	2003		2004		2005		2006		2007	
COMMPRIM	1,635,354,344	44.18%	2,139,930,056	44.01%	2,547,673,042	45.54%	2,326,697,470	38.89%	3,281,360,468	44.45%
INT TRAB REC	1,051,242,217	28.40%	1,321,824,900	27.18%	1,460,948,070	26.12%	1,640,026,512	27.42%	1,678,841,504	22.74%
BAIXA TEC	52,242,796	1.41%	104,213,459	2.14%	105,472,125	1.89%	118,391,379	1.98%	153,909,677	2.08%
MÉDIA TEC	934,889,296	25.25%	1,251,580,877	25.74%	1,424,082,047	25.46%	1,821,962,987	30.46%	2,176,224,005	29.48%
ALTA TEC	21,222,629	0.57%	35,926,008	0.74%	45,184,184	0.81%	63,008,004	1.05%	76,399,522	1.03%
NÃO CLASS	6,723,540	0.18%	9,024,499	0.19%	10,686,554	0.19%	11,774,650	0.20%	14,742,272	0.20%
INSUM ENERG	178,966	0.00%	108,106	0.00%	192,503	0.00%	250,909	0.00%	362,029	0.00%
Total	3,701,853,788		4,862,607,905		5,594,238,525		5,982,111,911		7,381,839,477	

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

Para o período 2003-2007, a importação catarinense apresenta uma taxa de crescimento média de 49,89%, evidenciando uma forte aceleração do ritmo de compras externas,

principalmente se comparado aos dois períodos anteriores (crescimento médio na faixa de 2%). Destaque para o biênio 2005-2006, em que a taxa de crescimento vai para quase 60%.

As commodities primárias perdem ainda mais participação na pauta importadora, fechando o ano de 2007 com 26,76%. O crescimento médio no período foi de 46,52%, 3 pontos percentuais abaixo da média para o total da pauta.

O grupo de média intensidade tecnológica cresce a uma taxa média de 48,12% e tem sua participação reduzida no total importado, ao contrário do período anterior. Em 2007 a participação é de 56,61%, 3 pontos percentuais menor que em 2003.

O grupo de alta intensidade apresenta um crescimento médio de 54,7% para o período, acima do crescimento médio do total importado. Fecha 2007 com quase 5% na participação da pauta.

Nesse período, o grupo de produtos intensivos em recursos naturais e de baixa intensidade tecnológica apresenta um significativo aumento na participação da pauta, em 2007, os primeiros com uma participação de 6,36% e de 4,19% para os produtos de baixa intensidade tecnológica.

Tabela 3.15 - Importação anual de Santa Catarina, por níveis de intensidade tecnológica, 2003-2007 (US\$ FOB)

INT TECN	2003		2004		2005		2006		2007	
COMM PRIM	296,060,778	29.79%	414,673,705	27.48%	625,414,885	28.58%	1,047,403,379	30.20%	1,338,649,034	26.76%
INT TRAB REC	29,722,791	2.99%	54,648,761	3.62%	101,394,233	4.63%	206,747,428	5.96%	318,392,625	6.36%
BAIXA TEC	20,035,449	2.02%	30,049,896	1.99%	63,419,020	2.90%	126,299,755	3.64%	209,863,712	4.19%
MÉDIA TEC	591,929,231	59.56%	941,383,772	62.39%	1,296,485,482	59.24%	1,861,113,519	53.65%	2,831,860,035	56.61%
ALTA TEC	48,173,490	4.85%	59,582,023	3.95%	90,850,890	4.15%	198,479,587	5.72%	247,999,541	4.96%
NÃO CLASS	3,130,537	0.32%	2,990,895	0.20%	6,208,039	0.28%	8,782,198	0.25%	18,187,260	0.36%
INSUM ENERG	4,757,664	0.48%	5,620,684	0.37%	4,767,325	0.22%	19,938,740	0.57%	37,805,116	0.76%
Total	993,809,940		1,508,949,736		2,188,539,874		3,468,764,606		5,002,757,323	

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comércio mundial está cada vez mais pautado em produtos e serviços de maior grau tecnológico. O que evidencia esse movimento é o ganho de participação no comércio internacional das economias asiáticas emergentes, como China, Coreia do Sul e Singapura. Esse desempenho exportador dinâmico proporcionou para essas economias expressivas taxas de crescimento econômico.

A partir da década de 90, o Brasil insere-se nessa conjuntura internacional de forma precária, visto que o padrão de especialização das exportações não tem apresentado as modificações necessárias para uma inserção dinamizadora. Isso vem ocorrendo num contexto doméstico de apreciação cambial, aliado à falta de políticas industriais e tecnológicas.

O Estado de Santa Catarina acompanha o movimento nacional pós-abertura de compras e vendas externas, com um crescimento superior dessas primeiras em detrimento das últimas.

No que tange à intensidade tecnológica da pauta comercial estadual, o período pós-abertura foi dividido em quatro grupos. O período que se estende de 1990 a 1994, foi caracterizado pela forte presença de commodities primárias e manufaturas intensivas em mão-de-obra e em recursos naturais nas vendas externas. De 1995 a 1998 ocorreu um avanço dos produtos de média intensidade tecnológica, apesar do crescimento negativo das exportações no mesmo período. As compras externas de média intensidade também apresentaram substancial aumento de participação.

Os produtos primários continuam com grande expressividade na pauta exportadora e os bens mais intensivos em tecnologia dominam a pauta importadora do Estado, nos anos que se estendem de 1999 a 2002. No último período, de 2003 a 2007, ocorreu um aumento expressivo no ritmo das compras e vendas externas. Entretanto, o movimento de compras foi mais intenso e pautado em bens de média e alta tecnologia

REFERÊNCIAS

CAMPOS, R. et al. Reestruturação industrial e aglomerações setoriais locais em Santa Catarina. In: VIEIRA, P. F. (org.). **A pequena produção e o modelo catarinense de Desenvolvimento**. Florianópolis: APED, 2002. Parte II, p. 113-170.

CASTELLS, M. A era da informação: economia, sociedade e cultura - **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2006. Cap. 2, p. 119-208.

CASTRO, L. Privatização, abertura e desindexação: a primeira metade dos anos 90 (1990-1994). In: Giambiagi, F. et al. (Orgs.). **Economia brasileira contemporânea (1945-2004)**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. Cap. 6, p. 141-165.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

COUTINHO, L; HIRATUKA, C; SABBATINI, R. **O desafio da construção de uma inserção externa dinamizadora**. Texto produzido para o Seminário Brasil em Desenvolvimento, UFRJ, Rio de Janeiro, setembro de 2003.

COUTINHO, L. A especialização regressiva: um balanço do desempenho industrial pós-estabilização. In: Velloso, J. (org.). **Brasil: desafios de um país em transformação**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997.

FIESC. Comércio exterior de santa catarina cresce acima da média. Disponível em:
< <http://app.fiescnet.com.br/aplic/releases.nsf/>>

GIAMBIAGI, F. Estabilização, reformas e desequilíbrios macroeconômicos: os anos FHC (1995-2002). In: Giambiagi, F. et al. (orgs.). **Economia brasileira contemporânea (1945-2004)**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. Cap. 7, p. 166-195.

_____. Rompendo com a ruptura: o governo Lula (2003-2004). In: Giambiagi, F. et al. (Orgs.). **Economia brasileira contemporânea (1945-2004)**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. Cap. 8, p. 196-222.

GONÇALVES, R. et al. **A nova economia internacional: uma perspectiva brasileira**. Rio de Janeiro: Campus, 1998. Cap. 1, p. 03-35.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

HASENCLEVER, L.; FERREIRA, P. M. Estrutura de mercado e inovação. In: Kupfer, D.; Hasenclever, L. (orgs.). **Economia industrial: fundamentos teóricos e práticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 2002. Cap.7, p. 129-147.

HASENCLEVER, L.; TIGRE, P. Estratégias de inovação. In: Kupfer, D.; Hasenclever, L. (orgs.). **Economia industrial: fundamentos teóricos e práticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 2002. Cap. 18, p. 431-446.

IEDI. **O comércio exterior brasileiro em 2006**. Disponível em:
<<http://www.iedi.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=54&UserActiveTemplate=iedi>>

_____. **Comércio exterior: conjuntura e estrutura**. Carta IEDI n. 297. Disponível em:
<<http://www.iedi.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=printerview&4=46&inoid=3345&2=163&sid=20&1=15&3=205>>

_____. **O Comércio Exterior em 2007**. Carta IEDI n. 309. Disponível em:
<<http://www.iedi.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?3=205&2=163&4=86&sid=20&1=15&inoid=3518>>

_____. Radiografia das exportações brasileiras. Disponível em:
<<http://www.iedi.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=54&UserActiveTemplate=iedi>>

_____. Desindustrialização e dilemas do crescimento econômico recente. Disponível em:
<<http://www.iedi.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=54&UserActiveTemplate=iedi>>

ONU. **Comtrade**: base de dados sobre o comércio mundial preparado pela ONU em associação com OMC e UNCTAD.

POSSAS, M. L. (2002). Concorrência schumpeteriana. In: Kupfer, D.; Hasenclever, L. (orgs.). **Economia industrial: fundamentos teóricos e práticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 2002. Cap. 17, p. 415-429.

SARTI, F.; SABBATINI, R. Conteúdo tecnológico do comércio exterior brasileiro. In: VIOTTI, E.; MACEDO, M. (orgs.) **Indicadores de ciência, tecnologia e inovação no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2003. Cap. 8, p. 381-407

TIGRE, P. **Gestão da inovação: a economia da tecnologia do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

UNCTAD. **Trade and Development Report 2002**. Nações Unidas. Nova Iorque: ONU, 2002.

_____. **Trade and Development Report 2007**. Nações Unidas. Nova Iorque: ONU, 2007.

ANEXOS

Tabela A1 – Códigos NCM classificados por intensidade tecnológica

Capítulo NCM	Descrição do Capítulo NCM	Intensidade Tecnológica
1	ANIMAIS VIVOS	COMMODITIES PRIMÁRIAS
2	CARNES E MIUZEZAS, COMESTÍVEIS	COMMODITIES PRIMÁRIAS
3	PEIXES E CRUSTACEOS, MOLUSCOS E OUTS. INVERTEBR. AQUÁTICOS	COMMODITIES PRIMÁRIAS
4	LEITE E LACTÍNIOS, OVOS DE AVES, MEL NATURAL, ETC.	COMMODITIES PRIMÁRIAS
5	OUTROS PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL	COMMODITIES PRIMÁRIAS
6	PLANTAS VIVAS E PRODUTOS DE FLORICULTURA	COMMODITIES PRIMÁRIAS
7	PRODUTOS HORTÍCOLAS, PLANTAS, RAÍZES, ETC. COMESTÍVEIS	COMMODITIES PRIMÁRIAS
8	FRUTAS, CASCAS DE CÍTRICOS E DE MELÕES	COMMODITIES PRIMÁRIAS
9	CAFÉ, CHÁ, MATE E ESPECIARIAS	COMMODITIES PRIMÁRIAS
10	CEREAIS	COMMODITIES PRIMÁRIAS
11	PRODUTOS DA INDÚSTRIA DE MOAGEM, MALTE, AMÍDOS, ETC.	COMMODITIES PRIMÁRIAS
12	SEMENTES E FRUTOS OLEAGINOSOS, GRAOS, SEMENTES, ETC.	COMMODITIES PRIMÁRIAS
13	GOMAS, RESINAS E OUTROS SUCOS E EXTRATOS VEGETAIS	COMMODITIES PRIMÁRIAS
14	MATERIAS P/ENTRANCAR E OUTS. PRODS. DE ORIGEM VEGETAL	COMMODITIES PRIMÁRIAS
15	GORDURAS, OLEOS E CERAS ANIMAIS OU VEGETAIS, ETC.	COMMODITIES PRIMÁRIAS
16	PREPARAÇÕES DE CARNE, DE PEIXES OU DE CRUSTACEOS, ETC.	COMMODITIES PRIMÁRIAS
17	ACÚCARES E PRODUTOS DE CONFETARIA	COMMODITIES PRIMÁRIAS
18	CAÇAÚ E SUAS PREPARAÇÕES	COMMODITIES PRIMÁRIAS
19	PREPARAÇÕES A BASE DE CEREAIS, FARINHAS, AMÍDOS, ETC.	COMMODITIES PRIMÁRIAS
20	PREPARAÇÕES DE PRODUTOS HORTÍCOLAS, DE FRUTAS, ETC.	COMMODITIES PRIMÁRIAS
21	PREPARAÇÕES ALIMENTÍCIAS DIVERSAS	INT EM TRAB E RECURSOS
22	BEBIDAS, LÍQUIDOS ALCOÓLICOS E VINAGRES	INT EM TRAB E RECURSOS
23	RESÍDUOS E DESPERDÍCIOS DAS INDÚSTRIAS ALIMENTARES, ETC.	COMMODITIES PRIMÁRIAS
24	FUMO (TABACO) E SEUS SUCEDÂNEOS MANUFATURADOS	INT EM TRAB E RECURSOS
25	SAL, ENXOFRE, TERRAS E PEDRAS, GESSO, CAL E CIMENTO	COMMODITIES PRIMÁRIAS
26	MINÉRIOS, ESCÓRIAS E CINZAS	COMMODITIES PRIMÁRIAS
27	COMBUSTÍVEIS MINERAIS, OLEOS MINERAIS, ETC. CERAS MINERAIS	PETRÓLEO E INSUMOS ENERG
28	PRODUTOS QUÍMICOS INORGÂNICOS, ETC.	MÉDIA INTENSIDADE
29	PRODUTOS QUÍMICOS ORGÂNICOS	MÉDIA INTENSIDADE
30	PRODUTOS FARMACÊUTICOS	ALTA INTENSIDADE
31	ADUBOS OU FERTILIZANTES	MÉDIA INTENSIDADE
32	EXTRATOS TANANTES E TINTÓRIAS, TANINOS E DERIVADOS, ETC.	ALTA INTENSIDADE
33	OLEOS ESSENCIAIS E RESINOÍDES, PRODS. DE PERFUMARIA, ETC.	ALTA INTENSIDADE
34	SABOES, AGENTES ORGÂNICOS DE SUPERFÍCIE, ETC.	MÉDIA INTENSIDADE
35	MATERIAS ALBUMINOÍDES, PRODUTOS A BASE DE AMÍDOS, ETC.	MÉDIA INTENSIDADE
36	POLVORAS E EXPLOSIVOS, ARTIGOS DE PIROTECNIA, ETC.	ALTA INTENSIDADE
37	PRODUTOS PARA FOTOGRAFIA E CINEMATOGRAFIA	ALTA INTENSIDADE
38	PRODUTOS DIVERSOS DAS INDÚSTRIAS QUÍMICAS	ALTA INTENSIDADE
39	PLÁSTICOS E SUAS OBRAS	MÉDIA INTENSIDADE
40	BORRACHA E SUAS OBRAS	MÉDIA INTENSIDADE
41	PELES, EXCETO A PELETERIA (PELES COM PELO), E COURO	COMMODITIES PRIMÁRIAS
42	OBRAS DE COURO, ARTIGOS DE CORREIOU OU DE SELEIRO, ETC.	INT EM TRAB E RECURSOS
43	PELETERIA (PELES COM PELO), SUAS OBRAS, PELETERIA ARTIF.	COMMODITIES PRIMÁRIAS
44	MADEIRA, CARVÃO VEGETAL E OBRAS DE MADEIRA	COMMODITIES PRIMÁRIAS
45	CÓRTICA E SUAS OBRAS	COMMODITIES PRIMÁRIAS
46	OBRAS DE ESPARTARIA OU DE CESTARIA	NÃO CLASSIFICADOS
47	PASTAS DE MADEIRA OU MATERIAS FIBROSAS CELULÓSICAS, ETC.	COMMODITIES PRIMÁRIAS
48	PAPEL E CARTÃO, OBRAS DE PASTA DE CELULOSE, DE PAPEL, ETC.	INT EM TRAB E RECURSOS

49	LIVROS, JORNAIS, GRAVURAS, OUTROS PRODUTOS GRAFICOS, ETC.	NÃO CLASSIFICADOS
50	SEDA	COMMODITIES PRIMÁRIAS
51	LA, PELOS FINOS OU GROSSEIROS, FIOS E TECIDOS DE CRINA	COMMODITIES PRIMÁRIAS
52	ALGODÃO	COMMODITIES PRIMÁRIAS
53	OUTRAS FIBRAS TEXTÉIS VEGETAIS, FIOS DE PAPEL, ETC.	COMMODITIES PRIMÁRIAS
54	FILAMENTOS SINTÉTICOS OU ARTIFICIAIS	MÉDIA INTENSIDADE
55	FIBRAS SINTÉTICAS OU ARTIFICIAIS, DESCONTINUAS	MÉDIA INTENSIDADE
56	"PASTAS ("OUATES"), FELTROS E FALSOS TECIDOS, ETC."	INT EM TRAB E RECURSOS
57	TAPETES, OUTS. REVESTIM. P/PAVIMENTOS, DE MATERIAS TEXTÉIS	INT EM TRAB E RECURSOS
58	TECIDOS ESPECIAIS, TECIDOS TUFADOS, RENDAS, TAPECARIAS, ETC	INT EM TRAB E RECURSOS
59	TECIDOS IMPREGNADOS, REVESTIDOS, RECOBERTOS, ETC.	INT EM TRAB E RECURSOS
60	TECIDOS DE MALHA	INT EM TRAB E RECURSOS
61	VESTUÁRIO E SEUS ACESSÓRIOS, DE MALHA	INT EM TRAB E RECURSOS
62	VESTUÁRIO E SEUS ACESSÓRIOS, EXCETO DE MALHA	INT EM TRAB E RECURSOS
63	OUTROS ARTEFATOS TEXTÉIS CONFECCIONADOS, SORTIDOS, ETC.	INT EM TRAB E RECURSOS
64	CALÇADOS, POLAINAS E ARTEFATOS SEMELHANTES, E SUAS PARTES	INT EM TRAB E RECURSOS
65	CHAPÉUS E ARTEFATOS DE USO SEMELHANTE, E SUAS PARTES	INT EM TRAB E RECURSOS
66	GUARDA-CHUVAS, SOMBRINHAS, GUARDA-SOIS, BENGALAS, ETC.	INT EM TRAB E RECURSOS
67	PENAS E PENUGEM PREPARADAS, E SUAS OBRAS, ETC.	NÃO CLASSIFICADOS
68	OBRAS DE PEDRA, GESSO, CIMENTO, AMIANTO, MICA, ETC.	COMMODITIES PRIMÁRIAS
69	PRODUTOS CERÁMICOS	INT EM TRAB E RECURSOS
70	VIDRO E SUAS OBRAS	INT EM TRAB E RECURSOS
71	PEROLAS NATURAIS OU CULTIVADAS, PEDRAS PRECIOSAS, ETC.	INT EM TRAB E RECURSOS
72	FERRO FUNDIDO, FERRO E AÇO	BAIXA INTENSIDADE
73	OBRAS DE FERRO FUNDIDO, FERRO OU AÇO	BAIXA INTENSIDADE
74	COBRE E SUAS OBRAS	COMMODITIES PRIMÁRIAS
75	NIQUEL E SUAS OBRAS	COMMODITIES PRIMÁRIAS
76	ALUMÍNIO E SUAS OBRAS	COMMODITIES PRIMÁRIAS
78	CHUMBO E SUAS OBRAS	COMMODITIES PRIMÁRIAS
79	ZINCO E SUAS OBRAS	COMMODITIES PRIMÁRIAS
80	ESTANHO E SUAS OBRAS	COMMODITIES PRIMÁRIAS
81	OUTROS METAIS COMUNS, CERAMAS, OBRAS DESSAS MATERIAS	COMMODITIES PRIMÁRIAS
82	FERRAMENTAS, ARTEFATOS DE CUTELARIA, ETC. DE METAIS COMUNS	BAIXA INTENSIDADE
83	OBRAS DIVERSAS DE METAIS COMUNS	BAIXA INTENSIDADE
84	REATORES NUCLEARES, CALDEIRAS, MAQUINAS, ETC., MECANICOS	MÉDIA INTENSIDADE
85	MAQUINAS, APARELHOS E MATERIAL ELETRICOS, SUAS PARTES, ETC	MÉDIA INTENSIDADE
86	VEICULOS E MATERIAL PARA VIAS FERREAS, SEMELHANTES, ETC.	MÉDIA INTENSIDADE
87	VEICULOS AUTOMOVEIS, TRATORES, ETC. SUAS PARTES/ACESSÓRIOS	MÉDIA INTENSIDADE
88	AERONAVES E OUTROS APARELHOS AEREOS, ETC. E SUAS PARTES	ALTA INTENSIDADE
89	EMBARCAÇÕES E ESTRUTURAS FLUTUANTES	MÉDIA INTENSIDADE
90	INSTRUMENTOS E APARELHOS DE OPTICA, FOTOGRAFIA, ETC.	ALTA INTENSIDADE
91	RELOGIOS E APARELHOS SEMELHANTES, E SUAS PARTES	MÉDIA INTENSIDADE
92	INSTRUMENTOS MUSICAIS, SUAS PARTES E ACESSÓRIOS	MÉDIA INTENSIDADE
93	ARMAS E MUNICÓES, SUAS PARTES E ACESSÓRIOS	MÉDIA INTENSIDADE
94	MOVEIS, MOBILIÁRIO MÉDICO-CIRÚRGICO, COLCHOES, ETC.	INT EM TRAB E RECURSOS
95	BRINQUEDOS, JOGOS, ARTIGOS P/DIVERTIMENTO, ESPORTES, ETC.	INT EM TRAB E RECURSOS
96	OBRAS DIVERSAS	NÃO CLASSIFICADOS
97	OBJETOS DE ARTE, DE COLEÇÃO E ANTIGUIDADES	NÃO CLASSIFICADOS
99	TRANSAÇÕES ESPECIAIS	NÃO CLASSIFICADOS

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

Tabela A2 - Principais produtos exportados por capítulo NCM, 1990

Capítulo NCM	Descrição	Valor (US\$ FOB)	Intensidade Tec.
02	CARNES E MIUZZAS, COMESTÍVEIS	217,145,387	1
23	RESÍDUOS E DESPÉRCIOS DAS INDÚSTRIAS ALIMENTARES, ETC.	201,684,918	1
44	MADEIRA, CARVAO VEGETAL E OBRAS DE MADEIRA	53,580,750	1
24	FUMO (TABACO) E SEUS SUCEDÂNEOS MANUFATURADOS	109,561,146	2
63	OUTROS ARTEFATOS TEXTÉIS CONFECCIONADOS, SORTIDOS, ETC.	139,232,490	2
69	PRODUTOS CERÂMICOS	58,876,876	2
84	REACTORES NUCLEARES, CALDEIRAS, MÁQUINAS, ETC., MECÂNICOS	214,330,110	4
85	MÁQUINAS, APARELHOS E MATERIAL ELÉTRICOS, SUAS PARTES, ETC	34,444,409	4
		1,028,856,086	Total
		1,457,349,299	Total geral

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

Tabela A3 - Principais produtos exportados por capítulo NCM, 1994

Capítulo NCM	Descrição	Valor (US\$ FOB)	Intensidade Tec.
02	CARNES E MIUZZAS, COMESTÍVEIS	425,500,474	1
23	RESÍDUOS E DESPÉRCIOS DAS INDÚSTRIAS ALIMENTARES, ETC.	178,623,693	1
44	MADEIRA, CARVAO VEGETAL E OBRAS DE MADEIRA	177,926,763	1
24	FUMO (TABACO) E SEUS SUCEDÂNEOS MANUFATURADOS	84,676,563	2
48	PAPEL E CARTÃO, OBRAS DE PASTA DE CELULOSE, DE PAPEL, ETC.	93,326,938	2
61	VESTUÁRIO E SEUS ACESSÓRIOS, DE MALHA	114,742,810	2
69	PRODUTOS CERÂMICOS	123,444,372	2
94	MOVEIS, MOBILIÁRIO MÉDICO-CIRÚRGICO, COLCHOES, ETC.	140,094,629	2
84	REACTORES NUCLEARES, CALDEIRAS, MÁQUINAS, ETC., MECÂNICOS	338,538,402	4
85	MÁQUINAS, APARELHOS E MATERIAL ELÉTRICOS, SUAS PARTES, ETC	78,705,699	4
87	VEÍCULOS AUTOMOVEIS, TRATORES, ETC. SUAS PARTES/ACESSÓRIOS	53,706,312	4
		1,809,286,655	Total
		2,404,689,465	Total geral

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

Tabela A4 - Principais produtos exportados por capítulo NCM, 1995

Capítulo NCM	Descrição	Valor (US\$ FOB)	Intensidade Tec.
02	CARNES E MIUZZAS, COMESTÍVEIS	440,487,128	1
23	RESÍDUOS E DESPÉRCIOS DAS INDÚSTRIAS ALIMENTARES, ETC.	182,987,470	1
44	MADEIRA, CARVAO VEGETAL E OBRAS DE MADEIRA	202,760,236	1
48	PAPEL E CARTÃO, OBRAS DE PASTA DE CELULOSE, DE PAPEL, ETC.	125,869,295	2
61	VESTUÁRIO E SEUS ACESSÓRIOS, DE MALHA	94,444,734	2
63	OUTROS ARTEFATOS TEXTÉIS CONFECCIONADOS, SORTIDOS, ETC.	187,252,555	2
69	PRODUTOS CERÂMICOS	118,009,193	2
94	MOVEIS, MOBILIÁRIO MÉDICO-CIRÚRGICO, COLCHOES, ETC.	173,617,659	2
84	REACTORES NUCLEARES, CALDEIRAS, MÁQUINAS, ETC., MECÂNICOS	403,881,971	4
85	MÁQUINAS, APARELHOS E MATERIAL ELÉTRICOS, SUAS PARTES, ETC	98,353,604	4
87	VEÍCULOS AUTOMOVEIS, TRATORES, ETC. SUAS PARTES/ACESSÓRIOS	61,237,338	4
		2,088,901,183	Total
		2,652,024,877	Total geral

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

Tabela A5 - Principais produtos exportados por capítulo NCM, 1998

Capítulo NCM	Descrição	Valor (US\$ FOB)	Intensidade Tec.
02	CARNES E MIUZZAS, COMESTÍVEIS	492,346,886	1
44	MADEIRA, CARVAO VEGETAL E OBRAS DE MADEIRA	224,039,068	1
24	FUMO (TABACO) E SEUS SUCEDANEOS MANUFATURADOS	127,255,039	2
63	OUTROS ARTEFATOS TEXTEIS CONFECCIONADOS, SORTIDOS, ETC.	153,310,114	2
84	REACTORES NUCLEARES, CALDEIRAS, MAQUINAS, ETC., MECANICOS	451,398,142	4
85	MAQUINAS, APARELHOS E MATERIAL ELETRICOS, SUAS PARTES, ETC	145,097,121	4
87	VEICULOS AUTOMOVEIS, TRATORES, ETC. SUAS PARTES/ACESSORIOS	81,449,088	4
90	INSTRUMENTOS E APARELHOS DE OPTICA, FOTOGRAFIA, ETC.	5,299,303	5
		1,680,194,761	Total
		2,605,306,071	Total geral

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

Tabela A6 - Principais produtos exportados por capítulo NCM, 1999

Capítulo NCM	Descrição	Valor (US\$ FOB)	Intensidade Tec.
02	CARNES E MIUZZAS, COMESTÍVEIS	490,163,056	1
44	MADEIRA, CARVAO VEGETAL E OBRAS DE MADEIRA	293,332,692	1
24	FUMO (TABACO) E SEUS SUCEDANEOS MANUFATURADOS	84,388,480	2
48	PAPEL E CARTAO, OBRAS DE PASTA DE CELULOSE, DE PAPEL, ETC.	92,714,542	2
63	OUTROS ARTEFATOS TEXTEIS CONFECCIONADOS, SORTIDOS, ETC.	153,908,791	2
69	PRODUTOS CERAMICOS	127,414,921	2
94	MOVEIS, MOBILIARIO MEDICO-CIRURGICO, COLCHOES, ETC.	199,095,232	2
84	REACTORES NUCLEARES, CALDEIRAS, MAQUINAS, ETC., MECANICOS	440,895,278	4
85	MAQUINAS, APARELHOS E MATERIAL ELETRICOS, SUAS PARTES, ETC	129,630,333	4
90	INSTRUMENTOS E APARELHOS DE OPTICA, FOTOGRAFIA, ETC.	4,475,033	5
		2,016,018,358	Total
		2,567,417,836	Total geral

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

Tabela A7 - Principais produtos exportados por capítulo NCM, 2002

Capítulo NCM	Descrição	Valor (US\$ FOB)	Intensidade Tec.
02	CARNES E MIUZZAS, COMESTÍVEIS	810,630,707	1
44	MADEIRA, CARVAO VEGETAL E OBRAS DE MADEIRA	386,986,427	1
24	FUMO (TABACO) E SEUS SUCEDANEOS MANUFATURADOS	88,210,523	2
48	PAPEL E CARTAO, OBRAS DE PASTA DE CELULOSE, DE PAPEL, ETC.	121,213,512	2
63	OUTROS ARTEFATOS TEXTEIS CONFECCIONADOS, SORTIDOS, ETC.	163,167,993	2
69	PRODUTOS CERAMICOS	138,044,879	2
94	MOVEIS, MOBILIARIO MEDICO-CIRURGICO, COLCHOES, ETC.	290,916,987	2
84	REACTORES NUCLEARES, CALDEIRAS, MAQUINAS, ETC., MECANICOS	495,492,729	4
85	MAQUINAS, APARELHOS E MATERIAL ELETRICOS, SUAS PARTES, ETC	156,029,931	4
90	INSTRUMENTOS E APARELHOS DE OPTICA, FOTOGRAFIA, ETC.	7,007,627	5
		2,657,701,315	Total
		3,159,741,014	Total geral

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

Tabela A8 - Principais produtos exportados por capítulo NCM, 2003

Capítulo NCM	Descrição	Valor (US\$ FOB)	Intensidade Tec.
02	CARNES E MIUDEZAS, COMESTÍVEIS	817,697,164	1
15	GORDURAS, ÓLEOS E CERAS ANIMAIS OU VEGETAIS, ETC.	122,190,860	1
44	MADEIRA, CARVAO VEGETAL E OBRAS DE MADEIRA	401,395,708	1
48	PAPEL E CARTAO, OBRAS DE PASTA DE CELULOSE, DE PAPEL, ETC.	137,791,076	2
63	OUTROS ARTEFATOS TEXTÉIS CONFECCIONADOS, SORTIDOS, ETC.	175,130,195	2
69	PRODUTOS CERAMICOS	159,532,311	2
94	MOVEIS, MOBILIARIO MEDICO-CIRURGICO, COLCHOES, ETC.	340,126,772	2
84	REATORES NUCLEARES, CALDEIRAS, MAQUINAS, ETC., MECANICOS	607,656,747	4
85	MAQUINAS, APARELHOS E MATERIAL ELETRICOS, SUAS PARTES, ETC	215,760,203	4
90	INSTRUMENTOS E APARELHOS DE OPTICA, FOTOGRAFIA, ETC.	7,166,107	5
		2,984,447,143	Total
		3,701,853,788	Total geral

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

Tabela A9 - Principais produtos exportados por capítulo NCM, 2005

Capítulo NCM	Descrição	Valor (US\$ FOB)	Intensidade Tec.
02	CARNES E MIUDEZAS, COMESTÍVEIS	1,503,795,244	1
16	PREPARACOES DE CARNE, DE PEIXES OU DE CRUSTACEOS, ETC.	206,342,039	1
44	MADEIRA, CARVAO VEGETAL E OBRAS DE MADEIRA	566,665,736	1
24	FUMO (TABACO) E SEUS SUCEDANEOS MANUFATURADOS	213,366,248	2
48	PAPEL E CARTAO, OBRAS DE PASTA DE CELULOSE, DE PAPEL, ETC.	176,431,271	2
69	PRODUTOS CERAMICOS	225,996,560	2
94	MOVEIS, MOBILIARIO MEDICO-CIRURGICO, COLCHOES, ETC.	449,475,583	2
84	REATORES NUCLEARES, CALDEIRAS, MAQUINAS, ETC., MECANICOS	795,476,628	4
85	MAQUINAS, APARELHOS E MATERIAL ELETRICOS, SUAS PARTES, ETC	380,348,564	4
87	VEICULOS AUTOMOVEIS, TRATORES, ETC. SUAS PARTES/ACESSORIOS	151,651,746	4
32	EXTRATOS TANANTES E TINTORIAS, TANINOS E DERIVADOS, ETC.	10,425,133	5
90	INSTRUMENTOS E APARELHOS DE OPTICA, FOTOGRAFIA, ETC.	22,338,890	5
		4,702,313,642	Total
		5,594,238,525	Total geral

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

Tabela A10 - Principais produtos exportados por capítulo NCM, 2007

Capítulo NCM	Descrição	Valor (US\$ FOB)	Intensidade Tec.
02	CARNES E MIUDEZAS, COMESTÍVEIS	1,673,180,906	1
12	SEMENTES E FRUTOS OLEAGINOSOS, GRAOS, SEMENTES, ETC.	306,389,698	1
16	PREPARACOES DE CARNE, DE PEIXES OU DE CRUSTACEOS, ETC.	332,766,460	1
24	FUMO (TABACO) E SEUS SUCEDANEOS MANUFATURADOS	534,483,174	2
48	PAPEL E CARTAO, OBRAS DE PASTA DE CELULOSE, DE PAPEL, ETC.	202,166,253	2
69	PRODUTOS CERAMICOS	203,343,559	2
94	MOVEIS, MOBILIARIO MEDICO-CIRURGICO, COLCHOES, ETC.	378,033,545	2
84	REATORES NUCLEARES, CALDEIRAS, MAQUINAS, ETC., MECANICOS	1,148,375,994	4
85	MAQUINAS, APARELHOS E MATERIAL ELETRICOS, SUAS PARTES, ETC	658,465,069	4
87	VEICULOS AUTOMOVEIS, TRATORES, ETC. SUAS PARTES/ACESSORIOS	217,639,394	4
32	EXTRATOS TANANTES E TINTORIAS, TANINOS E DERIVADOS, ETC.	16,595,490	5
90	INSTRUMENTOS E APARELHOS DE OPTICA, FOTOGRAFIA, ETC.	45,138,029	5
		5,716,577,571	Total
		7,381,839,477	Total geral

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

Tabela A11 - Principais produtos importados por capítulo NCM, 1994

Capítulo NCM	Descrição	Valor (US\$ FOB)	Intensidade Tec.
12	SEMENTES E FRUTOS OLEAGINOSOS, GRAOS, SEMENTES, ETC.	66,292,769	1
15	GORDURAS, OLEOS E CERAS ANIMAIS OU VEGETAIS, ETC.	39,385,534	1
52	ALGODAO	107,626,883	1
59	TECIDOS IMPREGNADOS, REVESTIDOS, RECOBERTOS, ETC.	3,965,380	2
72	FERRO FUNDIDO, FERRO E ACO	5,076,223	3
28	PRODUTOS QUIMICOS INORGANICOS, ETC.	10,132,919	4
29	PRODUTOS QUIMICOS ORGANICOS	22,596,939	4
39	PLASTICOS E SUAS OBRAS	26,217,987	4
84	REATORES NUCLEARES, CALDEIRAS, MAQUINAS, ETC., MECANICOS	186,933,816	4
85	MAQUINAS, APARELHOS E MATERIAL ELETRICOS, SUAS PARTES, ETC	45,258,755	4
32	EXTRATOS TANANTES E TINTORIAS, TANINOS E DERIVADOS, ETC.	19,944,905	5
90	INSTRUMENTOS E APARELHOS DE OPTICA, FOTOGRAFIA, ETC.	28,559,303	5
		561,991,413	Total
		877,908,802	Total geral

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

Tabela A12 - Principais produtos importados por capítulo NCM, 1998

Capítulo NCM	Descrição	Valor (US\$ FOB)	Intensidade Tec.
02	CARNES E MIUDEZAS, COMESTIVEIS	42,729,430	1
10	CEREAIS	51,351,975	1
12	SEMENTES E FRUTOS OLEAGINOSOS, GRAOS, SEMENTES, ETC.	65,695,541	1
52	ALGODAO	127,020,326	1
62	VESTUARIO E SEUS ACESSORIOS, EXCETO DE MALHA	8,583,259	2
69	PRODUTOS CERAMICOS	10,649,854	2
28	PRODUTOS QUIMICOS INORGANICOS, ETC.	25,081,344	4
29	PRODUTOS QUIMICOS ORGANICOS	32,048,049	4
39	PLASTICOS E SUAS OBRAS	73,502,941	4
84	REATORES NUCLEARES, CALDEIRAS, MAQUINAS, ETC., MECANICOS	266,656,453	4
85	MAQUINAS, APARELHOS E MATERIAL ELETRICOS, SUAS PARTES, ETC	89,220,464	4
87	VEICULOS AUTOMOVEIS, TRATORES, ETC. SUAS PARTES/ACESSORIO	36,015,571	4
32	EXTRATOS TANANTES E TINTORIAS, TANINOS E DERIVADOS, ETC.	26,825,714	5
90	INSTRUMENTOS E APARELHOS DE OPTICA, FOTOGRAFIA, ETC.	29,925,259	5
		885,306,180	Total
		1,270,693,893	Total geral

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

Tabela A13 - Principais produtos importados por capítulo NCM, 2002

Capítulo NCM	Descrição	Valor (US\$ FOB)	Intensidade Tec.
10	CEREAIS	65,606,339	1
12	SEMENTES E FRUTOS OLEAGINOSOS, GRAOS, SEMENTES, ETC.	31,967,124	1
23	RESIDUOS E DESPERDICIOS DAS INDUSTRIAS ALIMENTARES, ETC.	55,400,655	1
24	FUMO (TABACO) E SEUS SUCEDANEOS MANUFATURADOS	5,047,709	2
73	OBRAS DE FERRO FUNDIDO, FERRO OU ACO	7,338,776	3
29	PRODUTOS QUIMICOS ORGANICOS	38,006,927	4
31	ADUBOS OU FERTILIZANTES	34,091,570	4
39	PLASTICOS E SUAS OBRAS	165,545,280	4
54	FILAMENTOS SINTETICOS OU ARTIFICIAIS	31,421,332	4
84	REATORES NUCLEARES, CALDEIRAS, MAQUINAS, ETC., MECANICOS	176,098,605	4
85	MAQUINAS, APARELHOS E MATERIAL ELETRICOS, SUAS PARTES, ETC	85,207,045	4
32	EXTRATOS TANANTES E TINTORIAS, TANINOS E DERIVADOS, ETC.	18,941,000	5
90	INSTRUMENTOS E APARELHOS DE OPTICA, FOTOGRAFIA, ETC.	19,974,106	5
		734,646,468	Total
		931,395,232	Total geral

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002

Tabela A14 - Principais produtos importados por capítulo NCM, 2007

Capítulo NCM	Descrição	Valor (US\$ FOB)	Intensidade Tec.
03	PEIXES E CRUSTACEOS,MOLUSCOS E OUTS.INVERTEBR.AQUATICOS	44,109,306	1
10	CEREAIS	145,484,160	1
15	GORDURAS,OLEOS E CERAS ANIMAIS OU VEGETAIS,ETC.	59,309,056	1
74	COBRE E SUAS OBRAS	593,848,867	1
78	CHUMBO E SUAS OBRAS	48,672,743	1
22	BEBIDAS,LIQUIDOS ALCOOLICOS E VINAGRES	39,935,207	2
62	VESTUARIO E SEUS ACESSORIOS,EXCETO DE MALHA	41,308,407	2
72	FERRO FUNDIDO,FERRO E ACO	104,454,556	3
28	PRODUTOS QUIMICOS INORGANICOS,ETC.	142,655,273	4
29	PRODUTOS QUIMICOS ORGANICOS	154,687,903	4
39	PLASTICOS E SUAS OBRAS	543,387,688	4
40	BORRACHA E SUAS OBRAS	193,550,645	4
84	REATORES NUCLEARES,CALDEIRAS,MAQUINAS,ETC..MECANICOS	695,596,205	4
85	MAQUINAS,APARELHOS E MATERIAL ELETRICOS,SUAS PARTES,ETC	536,961,118	4
30	PRODUTOS FARMACEUTICOS	40,454,532	5
32	EXTRATOS TANANTES E TINTORIAIS,TANINOS E DERIVADOS,ETC.	37,408,671	5
38	PRODUTOS DIVERSOS DAS INDUSTRIAS QUIMICAS	45,982,088	5
90	INSTRUMENTOS E APARELHOS DE OPTICA,FOTOGRAFIA,ETC.	95,057,750	5
		3,562,864,175	Total
		5,002,757,323	Total geral

Fonte: elaboração própria a partir de ALICEWEB utilizando metodologia UNCTAD 2002